

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

WEDJA DAYSE MEDEIROS CAETANO

**A PERSONAGEM MORTA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM EMILY DO
FILME A NOIVA CADÁVER DE TIM BURTON**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

WEDJA DAYSE MEDEIROS CAETANO

**A PERSONAGEM MORTA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM EMILY DO
FILME A NOIVA CADÁVER DE TIM BURTON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas (UFAL) –
Campus do Sertão Delmiro Gouveia, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alexandre de
Morais Cunha.

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

C128p Caetano, Wedja Dayse Medeiros

A personagem morta: uma análise da personagem Emily do filme A Noiva Cadáver, de Tim Burton / Wedja Dayse Medeiros Caetano. - 2022.

95 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Marcos Alexandre de Moraes Cunha.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

Bibliografia: f. 91-95.

1. Literatura gótica. 2. Cinema. 3. Emily - Personagem. 4. Lenda. 5. A Noiva Cadáver. 6. Heroína trágica. 7. Anti-heroína. 8. Burton, Tim, 1958-. I. Cunha, Marcos Alexandre de Moraes. II. Título.

CDU: 81'321:791-51


FOLHA DE APROVAÇÃO

WEDJA DAYSE MEDEIROS CAETANO

A PERSONAGEM MORTA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM EMILY DO FILME A NOIVA CADÁVER DE TIM BURTON


Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2022.

Documento assinado digitalmente
 MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 03/03/2022 09:55:12-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Orientador)
Universidade Federal de alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 Paulo Jose Silva Valenca
Data: 05/03/2022 03:27:57-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença (Examinador Interno)

Assinado por: HELENA ISABEL DA SILVA LOPES
Num. de Identificação: 12036281
Data: 2022.03.05 15:43:49+00'00'

Universidade Federal de alagoas – UFAL



Profa. Ma. Helena Isabel da Silva Lopes (Examinadora Externa)

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto – ISCAP – Portugal

Aos meus pais e ao meu irmão, William, por todo apoio, carinho e incentivo. A Deus e a Nossa Senhora, mãe rainha, por sempre iluminarem os meus pensamentos e caminhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, luz da minha vida, por estar sempre guiando os meus passos, os meus caminhos, por ser minha força, meu rochedo e o meu refúgio.

À Nossa Senhora, mãe rainha, por toda intercessão, proteção e cuidado.

Aos meus pais, Maria da Penha e Washington, por todo apoio e conselho nos meus estudos e por sempre acreditarem e torcerem por mim.

Ao meu irmão, William, por todo apoio, compreensão, amizade, ajuda, companheirismo e por estar sempre sonhando junto comigo.

Aos meus avós, Beatriz e José, por toda ajuda e acolhimento em sua casa.

À minha tia Maria Izanete, por ter me apoiado e me ajudado quando eu precisei.

Ao professor Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha, por toda orientação e incentivo neste trabalho.

Agradeço a todos os docentes do curso de Letras e do campus do sertão Delmiro Gouveia, que contribuíram na minha jornada acadêmica, em especial aos professores, Marcos Alexandre de Moraes, Murilo Alves, Paulo Valença e Cristian Sales, por terem despertado em mim o amor pela literatura e pelo cinema.

À minha banca examinadora Paulo Valença e Helena Lopes, por terem aceitado o convite.

Aos meus colegas de equipe Eudes e Jessica.

[...] A morte de uma bela mulher é, indubitavelmente, o tema mais poético do mundo [...] (POE, 2017, p. 347).

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a personagem Emily no filme *A Noiva Cadáver* (2005) de Tim Burton, buscando identificar qual a origem que a impede de se libertar do mundo dos vivos. Sendo uma personagem que oscila entre dois mundos diferentes, gerando dentro dela uma complexidade e um misto de sentimentos. Para esse fim, abordaremos a relação da personagem com a lenda, trazendo também as propriedades que a encaixa no arquétipo de heroína trágica e anti-heroína. Conforme a complexidade que a personagem apresenta apontaremos as características góticas e duplas que estão presentes na personagem. Essa pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo, abrangendo diversas áreas, como, literatura, cinema, psicologia, entre outras. Dessa forma, é uma pesquisa interdisciplinar. Foi utilizado como embasamento teórico os estudos de Muniz (2006), Menon (2007), Jung (2002), Svendesem (2006), Negrais (1972), Le Golf (2017), Schimtt (1999), Delumeau (2009), Lexikon (1998), Campos (2007), entre outros.

Palavras-chave: Personagem. Morte. Literatura. Gótico. Cinema.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the character Emily in Tim Burton's film *The Corpse Bride* (2005), looking for the origin that prevents the freedom of the world of the living. Being a character that oscillates between two different worlds, generating within her a complexity and a mix of feelings. To this end, we will approach the character with the legend, the relationship also with the property that fits her into the archetype of tragic heroine and anti-heroine. According to the complexity that the character presents we point out as Gothic and double characteristics that are present in the character. This research is bibliographic and qualitative, covering several areas, such as literature, cinema, psychology, among others. Thus, it is an interdisciplinary research. It was used as a theoretical basis in the studies of Muniz (2006), Menon (2007), Jung (2002), Svendesem (2006), Negrais (1972), Le Golf (2017), Schimt (1999), Delumeau (2009), Lexikon (1998), Campos (2007), among others.

Keywords: Character. Death. Literature. Gothic. Movie theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pequena chave para facilitar o efeito de movimento.	26
Figura 2 – Emily acordada no mundo dos vivos.	32
Figura 3 – Emily liberta Victor e a Victoria.	33
Figura 4 – Emily defendendo o Victor.	34
Figura 5 – Emily revoltada levando o Victor para o mundo dos mortos.....	35
Figura 6 – Lord Barkis tenta matar Victoria.....	36
Figura 7 – Esqueletos tocando e dançando.....	40
Figura 8 – Cadáveres felizes com roupas coloridas.	41
Figura 9 – Esqueletos se divertindo.....	41
Figura 10 – Cantando e dançando no mundo dos mortos.....	42
Figura 11 – Esqueletos felizes e sorrindo.....	43
Figura 12 – Esqueleto no mundo dos mortos há muitos anos.	44
Figura 13 – Pessoa morta há pouco tempo.	44
Figura 14 – Emily morta há algum tempo.....	45
Figura 15 – Os mortos voltam ao mundo dos vivos.....	47
Figura 16 – Os mortos participando da celebração do casamento no mundo dos vivos.....	48
Figura 17 – Mortos com roupas impecáveis.....	48
Figura 18 – Casas distorcidas.....	59
Figura 19 – Escadas e grades deformadas.....	60
Figura 20 – Emily surgindo no mundo dos vivos como um monstro assustador.....	61
Figura 21 – Emily e o seu lado meigo.....	62
Figura 22 – Victoria com semblante melancólico.....	64
Figura 23 – A melancolia na face de Victor.....	64
Figura 24 – Sombras demonstrando a realização de um sonho.....	67
Figura 25 – Sombras demonstrando o seu assassinato inesperado.....	68
Figura 26 – Emily vendo novamente a luz do luar.....	70
Figura 27 – Emily com o coração dilacerado.....	71
Figura 28 – Victor Libertando a borboleta.....	75
Figura 29 – Os mortos vingando-se de Lord Barkis.....	77
Figura 30 – Emily se desfazendo do sonho.....	78
Figura 31 – Victoria com o buquê para realizar o seu sonho.....	78
Figura 32 – Emily feliz.....	79

Figura 33 – Emily se transformou em borboleta.	79
Figura 34 – Emily se libertou e voou para o céu.	80
Figura 35 – A borboleta presente no filme.	81
Figura 36 – Mundo dos vivos melancólico.	87
Figura 37 – Personagens com aparência de sofrimento.	87

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM	16
2.1. Da lenda ao filme	16
2.2. O arquétipo da noiva cadáver	28
3. UMA PERSONAGEM MORTA.....	38
3.1. Do mundo dos mortos.....	38
3.2. Da literatura gótica.....	50
4. EMILY NO MUNDO DOS VIVOS	66
4.1. A libertação.....	66
4.2. O mundo dos vivos pode ser entediante?.....	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	91

1. INTRODUÇÃO

Emily é uma das principais personagens do filme *A Noiva Cadáver* (2005) de Tim Burton¹, uma personagem que revela características que fazem parte do estilo gótico e possui também aspectos da estética gótica. Sendo desenvolvida pelo dom artístico de Burton com ideias geniais, utilizando funções da literatura, técnicas e efeitos do cinema para sua obra fílmica. Inspirou-se pela lenda da Noiva Cadáver para a criação da personagem morta, levando essa personagem para as telas do cinema.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a construção dessa personagem na obra fílmica de Tim Burton, *A Noiva Cadáver* (2005), identificando qual a origem que a impede de se libertar do mundo dos vivos. Dado que, essa personagem é vista apenas como um fantasma na lenda, mas que na narrativa cinematográfico ela vai além, ultrapassando essa imagem de fantasma com uma maneira distinta e marcante.

Este estudo aparece devido o seguinte questionamento: como essa personagem morta se relaciona com o mundo dos vivos no filme de Tim Burton? Essa personagem sem vida, possivelmente se relaciona ao mundo dos vivos devido alguma pendência, que gera uma complexidade nos pensamentos e ações que a diferencia de um simples cadáver. Essa personagem me chamou bastante atenção no filme *A Noiva Cadáver*, por ser uma morta incomum, fugindo da realidade com todas as particularidades e traços que se remetem ao gótico, também pelo meu irmão William que me indicou o filme, apoiou e me incentivou a fazer essa pesquisa.

A lenda e o cinema estão relacionados com a literatura, ambas possuindo mistérios e fantasias que misturam o real com a ficção. Assim, como muitas obras literárias se adaptaram para o cinema, muitas lendas também foram acomodadas para o cinema. Desse modo, como ocorre as adaptações, a lenda se torna arte, porque a lenda está dentro das narrativas literárias e a partir do momento que a lenda passa a ser escrita em um livro ou em um formato de obra fílmica ela passa a ser arte, saindo do oral para o papel e para as telas do cinema. E com isso, a literatura é uma arte que está sempre presente, permitindo assim a análise da personagem no filme *A Noiva Cadáver* (2005).

É através da análise que percebemos a presença da literatura, de maneira clara e implícita nos capítulos dessa pesquisa. Por isso, esse estudo é importante para a literatura, por

¹ Timothy William Burton, nasceu no dia 25 de agosto 1958, em Burbank, na Califórnia, nos Estados Unidos e ficou conhecido como Tim Burton, ocupando cargos de diretor de filmes, produtor, escritor, artista, desenhista, animador e roteirista, trabalhando com o gótico, a fantasia e o sombrio nas suas obras fílmicas.

conter aspectos da arte literária gótica dentro do filme da noiva cadáver. Trazendo assim, um benefício para a pesquisa na personagem cinematográfica, salientando a devida importância da literatura que contribui para o cinema na formação dessa personagem. E assim, Burton, desenvolveu uma personagem morta com traços góticos e duplos. Embora, tenha as semelhanças com a lenda, as diferenças são bastantes nítidas. Sendo trabalhado o gótico e o duplo para a compreensão da personagem Emily. Por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, desenvolvemos todo o caminho desse estudo que se expande para as áreas do cinema, da literatura, da psicologia, entre outros. Por consecutivo é uma pesquisa interdisciplinar.

Trabalhamos no segundo capítulo, com a comparação da lenda com o filme da Noiva Cadáver de Burton, destacando algumas semelhanças e diferenças que ambas possuem, principalmente pela lenda ter sido a influência para Tim Burton na produção do filme, mostrando as duas artes do cinema e da literatura com o uso de técnicas e efeitos com programa de edição usadas para a produção cinematográfica conectando uma arte com a outra. Para a discussão trazemos: Sarmiento (2009), Scorci (2005), Machado (2007), Martin (2003), Silva (2018), Brito (2006), entre outros. Ainda nesse capítulo, continuamos trazendo o conceito e as características de heroína e anti-heroína descrito no gênero masculino e logo em seguida analisamos a personagem identificando as propriedades comuns de heroína trágica e anti-heroína no gênero feminino. Como embasamento teórico temos: Jung (2002), Campos (2007), Evangelista (2017) e Vogler (2006).

No terceiro capítulo, começamos conceituando sobre a morte e o mundo dos mortos, mostrando como é esse mundo no filme A Noiva Cadáver (2005) e explicando o que é esse mundo dos mortos, analisando como os cadáveres e principalmente a Emily faz a passagem do mundo dos mortos para o mundo dos vivos. Para esse fim, usamos os estudos de Muniz (2006), Schimtt (1999), Duby (1998), Vovelle (2010), Alves (2015) etc. Na continuação desse capítulo, conceituamos sobre a literatura gótica, a estética na imagem da mulher morta, o gótico no cinema e por último ligamos essas propriedades do gótico ao filme e a personagem Emily. Dessa maneira, utilizamos os pesquisadores: Silva (2004), Menon (2007), Manzatto e Vilas Boas (2016), Perrone-Moises (1990), Rosenfeld (2011), Conde (2018), Betton (1987), Nazário (2002), Sabadin (2018), Oliveira (2002), entre outros.

No quarto capítulo, trazemos o conceito do perdão que explica a libertação e depois desvendaremos o motivo da sua morte, o que realmente prende Emily no mundo dos vivos, finalizamos explicando como ocorreu a libertação dela e com a devida importância do ato de perdoar e se libertar. Por meio dos teóricos: Luskin (2007), Seligman (2004), Lexicon (1998) e

Snyder e Lopes (2009). Continuando nesse capítulo, conceituando sobre o mundo dos vivos com a oposição ao mundo dos mortos e o medo que os seres humanos possuem de enfrentar a morte, explicando como é o mundo dos vivos no filme e como Emily foi vítima de um indivíduo desse mundo, no fim responderemos à pergunta: o mundo dos vivos pode ser entediante? Chegamos à resposta por meio dos pesquisadores: Svendsen (2006), Muniz (2006), Negraes (1972), Perrone-Moises (1960) etc.

2. A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

[...]

Fantasia sombria transformada em realidade
Beijando a morte e perdendo meu fôlego

Meia noite, passagens na calçada da rua
Selvagens esquecidos, selvagens esquecidos

Desenterre seus ossos, mas deixe a alma em paz

Deixe-a encontrar um caminho para um lugar melhor

Sonhos destruídos e gritos silenciosos
Igrejas vazias com maldições sem alma
Encontramos uma maneira de escapar do dia

[...]

(MS MR, 2013).

2.1. Da lenda ao filme

O filme *A Noiva Cadáver* (2005) de Tim Burton, foi inspirado na lenda do folclore russo do século XIX. De acordo com Silva (2018), a lenda foi contada para Tim Burton, por um amigo chamado Joe Ranft, esse amigo de Tim Burton, já tinha supervisionado a história do filme *O Estranho Mundo de Jack* (1993).

A lenda surgiu na época do antissemitismo, que é o termo utilizado nas manifestações de rivalidade contra o povo judeu na Europa. O antissemitismo se espalhou pela Europa, juntamente com os seguidores dessa ideia causando o terror para o povo judeu, com emboscadas preparadas no caminho dos casamentos judaicos. Os antissemitas, retiravam as noivas das carruagens e assassinavam de forma brutal para evitar a multiplicação dos judeus. Após os antissemitas matarem as noivas no caminho da cerimônia, eles enterravam as noivas com seu longo vestido branco. E assim, surgiu a lenda da noiva cadáver, por terem encontrado várias noivas mortas que foram vítimas do antissemitismo.

A lenda é sobre um jovem noivo que estava com o seu casamento marcado e se decidiu fazer uma surpresa para sua noiva, viajando até a vila que ela morava. Como a Vila era muito distante, ele viajou junto com o seu amigo e no meio do caminho resolveram parar para descansar próximo a um rio. O noivo, encontrou no caminho um galho que estava no chão, com um formato de um dedo, logo em seguida ele juntamente com o seu amigo, fizeram brincadeiras com esse galho. O jovem noivo colocou a sua aliança no galho para ensaiar seus votos de casamento, cantando músicas judaicas, e o seu amigo não parava de gargalhar da brincadeira.

Enquanto eles se divertiam, algo inesperado aconteceu, a terra estremeceu e de baixo dela surgiu um cadáver vestido de noiva, com uma parte do corpo esqueleto e a outra de pele, coberta de minhocas e com o seu vestido branco.

A noiva cadáver prende os dois viajantes e cobra os seus direitos ao jovem que fez o pedido de casamento para ela, pois já que ele pediu a mão dela em casamento, ela agora era sua noiva. Mas eles conseguem fugir da noiva cadáver e correm em direção da cidade, ela continua a persegui-los. Eles procuram o rabino que celebraria o casamento em busca de respostas, o rabino pensou e chegou à conclusão que não poderia celebrar o casamento de um cadáver com um ser vivo, porque os mortos não possuem nenhum direito em relação aos vivos. Com essa notícia a tristeza que a noiva cadáver sentiu, fez ela se desmanchar em vários ossos. Diante disso, a noiva viva do jovem que também estava presente no momento da decisão do rabino, ao ver a tristeza da noiva cadáver, promete para ela, que viveria os sonhos dela em seu lugar, para que a noiva cadáver, nunca fosse esquecida. Sendo assim, a promessa se cumpriu e foi passando de geração em geração a lenda assustadora da noiva cadáver.

No filme *A Noiva Cadáver* (*Corpse Brise* 2005), foi produzido e dirigido por Tim Burton e co-dirigido por Mike Johnson. Um filme de animação feito em stop motion e com as canções que Burton utilizou para complementar toda a narrativa fílmica. Com esse filme Tim Burton teve a sua primeira indicação ao Oscar 2006, como a melhor longa de animação. Foi premiado como melhor filme de animação, recebeu o prêmio da Academia de Filmes de Ficção-Científica, Fantasia e Horror dos EUA 2006, foi premiado também com o troféu Ub Iwerks (técnica) pelo prêmio Annie 2006, pela indicação ao melhor filme de animação, direção e design. Indicado a melhor filme de animação pela Critics Choice Awards 2006, e indicado a melhor produção em filme pela PGA Awards 2006. Premiado no Nation Board of Review, indicado a melhor filme de animação e trilha sonora, pelo prêmio satellite 2005, premiado no festival de Veneza 2005, com o troféu do futuro pelo uso da técnica inovadora, premiado pelo festival do Rio 2005: seleção oficial, pelo festival de Deauville 2005: seleção oficial e pelo festival de Toronto 2005: seleção oficial.

Esse filme para muitas pessoas é considerado infantil, mas o filme é recomendado para todos, principalmente os adultos, por ser um filme vital que mostra os aspectos da realidade, como, a ganância, os conflitos, o tédio e as pendências deixadas pelos mortos quando ainda estavam vivos etc. No entanto, não deixa de ser um filme atraente e divertido, com toda sua magia e fantasia que a estética da literatura gótica proporciona.

O filme apresenta a história do romance gótico, entre Victor Van Dort e Victoria Everglot, um romance que foi quase impedido pela misteriosa noiva cadáver que se chama Emily, uma noiva que foi enganada, roubada, rejeitada e morta no dia do seu casamento.

Essa história se desenvolve no século XIX em um vilarejo no leste europeu, na época da era vitoriana, uma época em que a rainha Vitória, reinava sobre a Inglaterra, entre 1837 a 1901, foi um período de muitas transformações nas áreas políticas, econômicas e culturais. Nesse período a Inglaterra se torna a mais poderosa do mundo, se denominado Império Britânico e se caracterizando pelo enriquecimento da burguesia, trazendo toda a desigualdade social.

A era vitoriana teve muitos autores da literatura que se destacaram, como Charles Dickens (1812-1870), Oscar Wilde (1854-1900), as irmãs Charlotte Brontë (1816-1855), Emily Brontë (1818-1848) e Anne Brontë (1820-1849), Lewis Carroll (1832-1898), Robert Louis Stevenson (1850-1894), Arthur Conan Doyle (1859-1930) e Mary Shelley (1797-1851). As histórias de suspense, terror e medo, também estavam presentes nessa era.

Na moda dessa época, as mulheres usavam vestidos pesados que cobriam todo o corpo, com espartilhos e corpetes para afinar a cintura e acessórios para compor o look, como, véus, Leques, luvas, chapéus, xales e sombrinhas. Já para os homens, a moda era usar calças retas, colete e casaco, com as cores escuras, chapéu e o relógio de bolso para representar a riqueza, também usavam bengalas, barbas, bigode e costeletas para obter mais respeito.

As casas dessa época, costumava ser mobiliadas com piano, cadeiras macias e confortáveis, cortinas nas janelas e xícaras para os tradicionais chás que eram servidos as visitas. Naquela época era bastante comum o uso da carruagem. E arquitetura das casas com o estilo vitoriano.

Voltando a história do filme, “[...] Bom, essa é uma longa história! E que história incrível! Uma trágica história de romance, paixão e assassinato à sangue frio [...]”. (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:20:18). Victor pertence à família burguesa que tinham uma boa condição financeira por serem comerciantes de peixes. Os pais dele, estavam à procura de uma noiva para o seu filho e eles encontraram Victoria, que pertence à família aristocrata, com boas maneiras e um nome bastante conhecido na sociedade, porém são falidos. Por isso a família tradicional de Victoria aceitou o casamento para conseguir o dinheiro que necessitam.

O Victor, um rapaz muito atrapalhado, realiza os seus votos de casamento na hora do ensaio com Victoria, e por não conseguir falar adequadamente ele foge para a floresta e lá tenta falar os votos da maneira correta. Ao conseguir fazer o pedido: “[...] Com está mão, eu

espantarei suas tristezas, sua taça nunca ficará vazia, pois eu serei o seu vinho! [...] Com está vela, iluminarei seu caminho na escuridão, com está aliança, eu peço a você, que seja minha!” (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:15:53). E assim, o Victor coloca a aliança no graveto de uma árvore com aparência de um dedo, o que ele não sabia é que realmente era o dedo de uma linda moça, assassinada que morreu a espera de um novo amor. O chão treme e ela sai da sua cova pra dizer que aceita o pedido de casamento: “Eu aceito” (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:17:18). E que “pode beijar a noiva” (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:18:49). Logo após, Emily, leva Victor para o mundo dos mortos, ele é bem recebido pelos cadáveres, sendo presenteando com o seu cachorro de estimação que já morreu há alguns anos e eles contam toda a história dela para o Victor. Ele entende toda a história, mas pretende voltar para o mundo dos vivos e até consegue voltar, porém como ele enganou Emily para conseguir ver Victoria, a sua noiva viva, Emily o leva de volta para o mundo dos mortos, e fica muito triste. Vejamos isso no diálogo entre Emily, Victor e o velho Gutknecht:

-Você mentiu pra mim, só para poder voltar para aquela outra mulher.
 -Você não entende, você é a outra mulher!
 -Não, você casou comigo, ela é a outra mulher!
 -Ela tem razão!
 -E eu achei, eu achei que estava tudo indo tão bem (choro)
 -Olha, eu sinto muito, mas isso não pode dar certo!
 -Por que não? É o meu olho, não é?
 -Não, o seu olho é adorável! Escuta, se fosse em outras circunstâncias, quem sabe, mas nós somos diferentes de mais, puxa você está morta!
 -Devia ter visto isso, quando me pediu pra casar com você.
 -Por que que você não entende? Eu nunca me casaria com você! Foi um engano!
 (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:38:29).

E assim, Emily, seguia triste, até o Victor descobrir que Victoria iria se casar com Lord Barkis, o assassino de Emily, e aceita se casar com a sua noiva morta. Mas eles não podem ficar juntos, porque o velho mágico Gutknecht, avisa que o casamento é só até que a morte os separe e eles já estão separados por ela. No entanto, para esse casamento ser legitimado, o Victor precisa morrer tomando uma porção de veneno e fazer seus votos de casamento com Emily, no mundo dos vivos. E como o Victor aceitou, todos os mortos vão para o mundo dos vivos, onde começa a cerimônia. No exato momento dos seus votos, Emily, ver Victoria, a noiva viva do Victor, e se arrepende de se casar com ele, “[...] ela está reconsiderando [...]” (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 01:06:55). Pois, Emily, não quer destruir os sonhos de outra pessoa como destruíram o dela.

Assim sendo, Emily, se liberta do seu sentimento ruim, de ter sido enganada, assassinada, rejeitada e de não ter realizado o sonho de se casar. O seu assassino morre logo em seguida e Victoria pode continuar o seu romance, casando-se com Victor. E Emily, se transforma em várias borboletas e voa livremente para o céu.

No filme, a história da noiva cadáver é semelhante a lenda, mas não é fiel a ela. Como afirma Scorsi (2005, p. 40)

Mas a fidelidade à obra original é rara, senão impossível. Em primeiro lugar, porque não se pode representar visualmente significados verbais, da mesma forma que é praticamente impossível exprimir com palavras o que está expresso em linhas, formas e cores. Em segundo lugar, porque a imagem conceitual, que a leitura faz nascer no espírito, é fundamentalmente diferente da imagem fílmica, baseada em um dado real que nos é oferecido imediatamente para se ver, e não para se imaginar gradualmente. Pois, se o romance narra um mundo, o filme nos coloca diante de um mundo organizado de acordo com uma continuidade e contigüidade.

Além do filme não ser fiel a lenda, possui todos os acréscimos e mudanças feitos por Tim Burton, que produziu e dirigiu o filme, com toda beleza, riqueza e fantasia da literatura gótica.

É possível perceber a relação do filme com a lenda em algumas cenas que se assemelham e as outras que se diferenciam. As semelhanças começam logo no início da narrativa do filme, que acontece em um pequeno vilarejo, o jovem Victor, noivo de Victoria, vai ensaiar os seus votos de casamento na floresta, onde encontrar um galho com formato de um dedo e faz o pedido colocando a aliança no galho. O Victor, se assusta quando o chão treme e a noiva cadáver sai da sua cova para aceitar o pedido. E assim fica noivo de uma defunta mesmo que por engano, ela o persegue e depois de um tempo descobre que esse casamento não é válido, porque a morte já os separou.

Tanto o Victor, como o jovem noivo da lenda, fica noivos de duas mulheres, uma viva e outra morta, eles possuem o mesmo desejo de ficar com a noiva viva e se livrar da noiva morta. E a noiva cadáver do filme, assim como na lenda, é uma noiva morta que já está em estado de decomposição, um lado do corpo em ossos e o outro ainda coberto de pele seca. Foram enterradas com um vestido branco de noiva, carregando dentro de si as tristezas e o sonho de se casar. Mas, ao saberem que não podem se casar com um ser vivo, ambas vão embora, seguindo seu caminho e deixando o rapaz livre para se casar com a sua noiva viva.

Posto isto, algumas diferenças também são perceptíveis, como, na lenda o jovem noivo coloca a aliança no dedo do galho que ele encontrou no chão próximo do rio, por meio de uma

brincadeira junto com seu amigo, sorrindo e cantando. E no filme o Victor não tinha amigo, apenas um cachorro que já havia morrido há muito tempo, o seu pedido de casamento foi no galho de árvore em uma floresta, escura, assustadora e rodeada de corvos, sem fazer nenhuma brincadeira, mas sim com o intuito de acertar os votos que ele não conseguiu no ensaio com Victoria, e o Victor não canta nenhuma música, as músicas que são cantadas no filme, são para entender toda a história da noiva cadáver. O Victor além de ser perseguido pela noiva morta, ela o leva para o mundo dos mortos, onde ele conhece toda a história melancólica dela e depois no decorrer da história ele decide se casar com ela, mesmo sabendo que para isso é necessário tirar a própria vida, com a ajuda do velho mágico Gutknecht, que concorda em celebrar o casamento. E na lenda o jovem noivo, não quer se casar com a noiva morta e o rabino não aceita a união de um morto com vivo.

O Victor volta para o mundo dos vivos para se casar com a noiva cadáver, porém a própria noiva cadáver foi quem decidiu não se casar com ele, o libertando para viver com Victoria sua noiva viva, desistindo do sonho de se casar e se libertando do sentimento de tristeza, deixando o caminho livre para o Victor e a Victoria serem felizes, presenciando a morte do seu assassino e se transformando em borboletas, voando para o céu. E na lenda, a noiva morta, não desistiu de se casar, ela só não se casou com o jovem porque a lei da vida não permite que esse casamento se torne real. E por isso, ela se desmancha em ossos, com a mesma tristeza que saiu da sua cova. Mas a noiva viva, comovida com a tristeza da noiva cadáver, promete para ela que viveria os sonhos no lugar dela, para que ela nunca fosse esquecida.

Diante dessa comparação, percebemos que as semelhanças existem, mas que são poucas e que a trama do filme possui vários acontecimentos que se diferenciam da lenda, como também a participação dos pais do casal do Victor e Victoria, a noiva cadáver ter encontrado o seu assassino e assistido a morte dele, a viagem feita pelo Victor para o mundo dos mortos e depois voltar para o mundo dos vivos etc. Essas diferenças são o que transforma todo o drama do triângulo amoroso, entre vivos e mortos, em uma história de Ficção belíssima, incrível e fantástica, dando vida a narrativa de um romance gótico, juntamente com toda liberdade e fantasia que o mundo literário e o cenário gótico permitem construir.

Os romances de ficção têm um vínculo com a literatura. As narrativas fílmicas e em específico o cinema, surgiram depois da literatura, mostrando sua arte através de imagens em movimento. “A diferença da literatura para o cinema é que na primeira as sequências se fazem com palavras e no segundo com imagens”. (SARMENTO, 2009, p. 174). Segundo Sarmiento,

A literatura, em especial o romance, sempre foi uma forma artística propensa ao diálogo com outras linguagens, principalmente com o cinema, pois há entre ambas um parentesco originário. Entre as páginas e as telas há laços estreitos: nas páginas, são as palavras que acionam os sentidos e se transformam, na mente do leitor, em imagens; a tela abriga imagens em movimento que serão decodificadas pelo espectador por meio de palavras. Ambas propiciam indagações e reflexões sobre esses diálogos nos mais diversos âmbitos [...]. (SARMENTO, 2009, p. 165).

O que a literatura nos faz imaginar pela narrativa escrita, o cinema nos mostra através de imagens, prendendo a atenção do telespectador e a imaginação, trazendo uma aparência do real. Mas, por mais que o cinema consiga tirar a história do papel e transformá-la em uma história quase real, o cinema não deixa de ser aliado da literatura. Como diz Sarmiento (2009, p. 166):

A arte cinematográfica tem como segunda natureza a vertente literária. Traz, a princípio, embutido o processo narrativo da literatura, mesmo que no sentido oposto, numa lógica contrária, posto que aquilo que na literatura é visado como efeito (a imagem), no cinema é dado como matéria narrativa. Relações, aproximações e influências são historicamente comprovadas.

O cinema ajudou a intensificar o imaginário que a literatura permite que aconteça na mente humana, trazendo vida as histórias literárias. O cinema ver e utiliza a literatura como uma inspiração para as suas obras, mas as especificidades do cinema fazem com que as obras fictícias não sejam totalmente miméticas a literatura. Conforme Brito afirma que: “A adaptação muito submissa ao texto trai o cinema, a adaptação muito livre trai a literatura; somente a ‘transposição’ não trai nem um nem outro, situando-se na interface dessas duas formas de expressão artística”. (BRITO, 2006, p. 29). Por isso ambas as artes trazem o efeito de transportar-se. As duas artes andam juntas, mas com particularidades diferentes, uma pode ser lida e imaginada e a outra é para ser vista e presenciada.

No século XX o cinema com o avanço da tecnologia, consegue ir além com o uso das imagens em movimento, imitando a vida e trazendo um realismo nas cenas. Mas com toda essa tecnologia do cinema, o filme não destrói a arte literária, como diz Sarmiento (2009, p. 166 e 167):

Ao contrário do que geralmente se pensa, o filme não matou a literatura, a transformou em aliada, fazendo dela sua principal fonte de inspiração, tendo assim, de forma inexorável, construído um devir entre essas duas linguagens numa dialética na qual transformações e construções estruturais foram mútuas e provocadas justamente por esta dialética.

Assim foi necessário buscar, e é possível perceber, profundas transformações efetivadas nos modos de produção e reprodução cultural, desde a invenção da fotografia e do cinema, que alteraram antes de tudo a maneira de olhar o mundo e hoje se apresentam impressas no texto literário.

Dessa forma, a tecnologia evolui tanto que além do cinema fazer uma história ser vista, a fotografia que também possibilita o registro de uma imagem, agora aparece dentro dos livros de literatura. O que une ainda mais a literatura com o cinema e suas tecnologias. Como declara Sarmiento (2009, p. 165):

A literatura está legitimada e consolidada, enquanto arte, como esteio secular da cultura universal. O cinema, uma das mais jovens das artes, constrói e reformula seu caminho em pouco mais de cem anos, não menos importante. Ambas, independentes e autônomas em suas naturezas e histórias, com reconhecimentos e trajetórias específicos, recebem influxo da evolução das demais artes e incorporam influências que receberam de outras manifestações artísticas. Conseqüentemente literatura e cinema acabaram por encontrar-se e de alguma forma modificaram-se mutuamente.

Apesar das duas artes andarem juntas, cada uma tem a sua característica marcante, o cinema com suas artes visuais e a literatura com sua arte e o poder de imaginação através da escrita. O cinema mesmo com toda a sua produção de histórias através de imagens e movimento as cenas não são fiéis a literatura e nem as condições humanas. Como fala Sarmiento:

O cinema é uma representação fictícia de situações humanas, o que significa não servir como cópia fiel da realidade, e sim usá-la como código estrutural de sua linguagem, como representação da existência humana. O filme encontrou assim um caminho narrativo todo seu, próprio de sua especificidade semiótica. (SARMENTO, 2009, p. 170)

Com isso, o cinema representa a existência da humanidade de forma fictícia, com aparência do real, sendo “a arte do movimento que imita a vida, representacionista, é a sua essência semiótica”. (BRITO, 2006, p. 166).

Como cinema imita a vida, no filme *A Noiva Cadáver* (2005) não é diferente, essa imitação acontece através de uma animação gravada por uma técnica chamada stop motion. Nesse filme fica explícito toda a tecnologia da arte cinematográfica imitando a humanidade e toda a fantasia da arte literária que vai além da realidade.

A técnica do stop motion conhecida também como massa plástica, significa movimento parado, e isso é o que acontece na produção cinematográfica da animação, com essa técnica o filme é produzido através da junção de milhares de fotografias que capturam cada movimento

e expressão dos bonecos, sendo chamado também de frame a frame, ou seja, fotografias de cada ambiente em formato de quadros que ao serem passadas sequencialmente em alta velocidade traz uma falsa impressão de movimento dos pequenos bonecos no filme, sendo necessário 24 fotografias para cada segundo da animação fílmica. Apesar, dessa técnica ser utilizada até hoje nas produções dos filmes ela é uma das mais antigas do cinema, por ajudar na falta de tecnologias que possibilitam os efeitos especiais nas cenas. Mas, hoje as tecnologias estão repletas de efeitos especiais, como afirma Silva (2018, p. 97),

A linguagem do cinema de animação cada vez mais utiliza novos recursos digitais e efeitos especiais nos filmes. Tais recursos influenciam de diferentes maneiras audiovisuais, sobretudo o cinema, um dos meios de comunicação que mais sofre transformações diante de tantas invenções tecnológicas.

E mesmo com todo o avanço das tecnologias, o stop motion continua sendo muito utilizado e valorizado nas produções do cinema. E como toda técnica de produção possui a sua estética, elas formam uma dupla que são inseparáveis. Conforme a fala de Lucena (2002, p. 28), “A história da animação é particularmente significativa na demonstração de como a relação entre técnica e estética na produção visual da arte é indissolúvel e vital – simplesmente uma não existe sem a outra”. Por isso, para a liberdade da cinematografia que se obteve na evolução do cinema, é necessário o uso da técnica e da estética para obter o seu estilo em cada obra fílmica, como afirma Martin (2003, p. 241), “A linguagem, comum a todos os cineastas, é o ponto de encontro da técnica e da estética; o estilo, específico de cada um, é a sublimação da técnica, na estética”. É através dessa liberdade que o cinema fica definido como arte, de acordo com a fala de Martins, “noventa anos após a descoberta dos irmãos Lumière, autores importantes na evolução do cinema, ninguém mais contesta seriamente que o cinema seja uma arte”. (MARTIN, 2003, p. 13).

A técnica do stop motion está presente no cinema desde o início e foi utilizada na primeira animação do filme Humpty Dumpty Circus de J. Stuart Blackton e Albert E. Smith, em (1898). O stop motion foi popularizado através do George Méliès (1861 a 1938), que foi um dos principais a desenvolver técnicas para o cinema. Um iluminista e cineasta francês, conhecido como mágico do cinema, ele desenvolveu a técnica do stop motion e utilizava como mágica em suas gravações, trazendo a ilusão de aparecimento e desaparecimento de pessoas. George Méliès, fez bastante sucesso com seus filmes e principalmente com o filme Viagem à Lua (1902).

Como a técnica do stop motion nunca foi destruída, ela segue no cinema em várias animações fílmicas, como, O Estranho Mundo de Jack (1993) dirigido por Henry Selick, produzido e criado por Tim Burton, A Noiva Cadáver (2005), Vicente (1982), Frankenweenie (2012) de Tim Burton, Coraline e o Mundo Secreto (2009) que Tim Burton produziu e criou a história e os personagens do filme, sendo dirigido por Henry Selick, A fuga das Galinhas (2000) dirigido por Nick Park e Peter Lord, entre outros filmes. Essa técnica cresce cada vez mais no cinema digital, com um estúdio de animação exclusivo do stop motion, chamado Studio Laika, que estreou com o filme Coraline e o Mundo Secreto (2009) dirigido por Henry Selick e continua com outros filmes, como, Cubo e as Cordas Mágicas (2016) dirigido por Travis Knight, ParaNorman (2012) dirigido por Chris Butler e Sam Fell, Os Boxtrolls (2014) dirigido por Graham Annable e Anthony Stacchi, e Link Perdido (2019) dirigido por Chris Butler.

Com essa técnica do stop motion, a ilusão do movimento é explicada por Machado (2007, p. 20), que diz o seguinte:

A natureza exata do fenômeno ótico e/ou psicológico que permite ao cérebro sintetizar o movimento a partir dos estímulos que atingem a visão é discutida por alguns autores: “Mas o fenômeno da persistência da retina nada tem a ver com a sintetização do movimento: ele constitui, aliás, um obstáculo à formação das imagens animadas, pois tende a superpô-las na retina, misturando-as entre si. O que salvou o cinema como aparato técnico foi a existência de um intervalo negro entre a projeção de um fotograma e outro, intervalo esse que permitia atenuar a imagem persistente que ficava retida pelos olhos. O fenômeno da persistência da retina explica apenas uma coisa no cinema, que é o fato justamente de não vermos esse intervalo negro. A síntese do movimento se explica por um fenômeno psíquico (e não óptico ou fisiológico) descoberto em 1912 por Wertheimer e ao qual ele deu o nome de fenômeno phi: se dois estímulos são expostos aos olhos em diferentes posições, um após o outro e com pequenos intervalos de tempo, os observadores percebem um único estímulo que se move da posição primeira à segunda.

Por isso, esse falso movimento parece ser real, sendo uma ilusão criada no pensamento em relação aos bonecos na tela que nos faz enxergá-los em movimento, com expressões faciais de risos, choros, semblante de tristeza etc. Tudo para prender atenção do telespectador feito pela técnica do stop motion nos cinemas.

Com toda essa técnica do stop motion na animação utilizada pelo diretor Tim Burton no filme A Noiva Cadáver (2005), também está incluído o seu lado artístico de diretor que criou e caracterizou todos os personagens com suas ideias mostrando o seu desdobramento artístico que não pode ser esquecido. Conforme afirma Lucena Júnior (2005, p. 442), “desprezar essa

orientação significa estar fadado a produzir apenas imagens (apenas amostras descartáveis), jamais arte”.

Sendo assim, a produção do longa-metragem *A Noiva Cadáver*, possui todos os atributos artísticos de Burton, presentes em cada cena, no figurino, nas expressões faciais, nas falas, no corpo dos personagens, em toda caracterização fílmica Burton utilizou a técnica do stop motion e junto a ela uma técnica que utiliza mecanismo de metal dentro da cabeça dos bonecos, que ajuda no movimento da expressão nas cenas, evitando fazer várias cabeças para alcançar a expressão desejada no personagem. Com essa técnica os escultores do filme utilizaram uma pequena chave na face dos bonecos (figura 1), que após girar essa chave os bonecos podiam ter leves movimentos no rosto, formando a expressão estimada para cada cena com apenas uma cabeça. Através desta junção de técnica no filme de animação gravado em stop motion, foi considerada inovadora, pois foi o primeiro filme que utilizou apenas uma câmera chamada Canon 1D Mark com lentes Nikon em toda a gravação e o primeiro a usar um programa de edição chamado Final Cut Pro, da Apple.

Figura 1² – Pequena chave para facilitar o efeito de movimento.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nMmNpGPRAtI>

² Imagem disponível em 0:01.

Diante disso, percebemos que o cinema com todas as técnicas está sempre evoluindo e trazendo novidades que encantam os telespectadores com seus efeitos especiais, mas que nunca tomará o lugar da literatura, por mais que tenham suas diferenças sempre estarão juntas. Segundo Sarmiento (2009, p. 168),

Tanto a literatura provocou, inspirou e transformou a linguagem cinematográfica quanto o cinema transformou e influenciou a literatura, através de suas novas formas de percepção e representação, principalmente nas suas categorias narrativas. Essas mudanças efetivadas no modo de produção e reprodução cultural, desde a invenção da fotografia e do cinema, alteraram a maneira como se olha e percebe o mundo, imprimindo marcas no texto literário.

Dessa maneira, a literatura e o cinema possuem uma ligação muito forte, como é possível perceber essa junção no filme *A Noiva Cadáver*, a fantasia literária com os efeitos e técnicas que o cinema disponibiliza, se transformando em um mundo fantástico. Como o cinema tenta imitar a vida, Burton mostrou no filme a burguesia e o conflito presente no mundo e todo o contexto histórico da era vitoriana e o expressionismo presente também na arquitetura. E é através do seu dom artístico que fica bem claro todo o contraste de luzes escuras e claras diferenciando o mundo dos vivos com o mundo dos mortos, que está ligado com a fantasia de ambas as artes, incluindo músicas que completam toda a história do filme. E assim, Tim Burton, conseguiu construir um longa-metragem perfeito.

Em suma, o cinema é uma arte que vem crescendo e dominando com a sua tecnologia na atualidade e também “[...] é linguagem vista e ouvida no seu acontecer e, portanto, sempre presente. [...]” (SCORSI, 2005, p. 43). Mas, que não deixa de aperfeiçoar e valorizar a arte literária. Conforme Scorsi fala:

Formamo-nos em uma memória da escrita, é verdade, porém não é menos verdade que já possuímos uma memória de imagens-sons-movimentos, produzida pelo cinema. Poderá o cinema, em tempos de silêncio de experiências artesanais narrativas que passam de boca a boca, ser o guardião da memória de imagens fílmicas, passadas de olho a olho, que torna o ausente, presente, através de suas imagens em movimento. Imagens fantásticas, que ligam tudo a todos. (SCORSI, 2005, p. 43).

Desse modo, o cinema chegou ficou e continua evoluindo, porém o cinema jamais deixará de enaltecer a arte literária, pois foi através da literatura com suas histórias e fantasias que o cinema teve vida, aumentando e produzindo os efeitos imaginários da literatura,

relacionando com a realidade. Como diz Sarmento, “é inquestionável a dívida histórica do cinema com a literatura, pois, na verdade, foi com ela que o cinema aprendeu a falar [...]”. (SARMENTO, 2009, p. 167). Dessa forma, o cinema está conectado com a literatura, ao falar de cinema estamos falando de literatura mesmo que implicitamente, apesar das diferenças às duas artes não se desconectam.

2.2. O arquétipo da noiva cadáver

O arquétipo da personagem Emily, a noiva cadáver do filme, será tratado no gênero feminino com palavras de heroína ou anti-heroína. Conforme falaremos neste capítulo. Porém, entenderemos o que é o arquétipo de herói e o anti-herói no gênero masculino.

Tanto nas obras literárias como nas obras fílmicas, para se definir um herói, um anti-herói, etc. É necessário observar as características presentes nos personagens, que são vistas como padrão. E é através delas que se define o arquétipo de um personagem. Como Jung declara:

Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as "imagens primordiais" e é aqui que o conceito de arquétipo encontra sua aplicação específica. Não é de modo algum mérito meu ter observado esse fato pela primeira vez. As honras pertencem a PLATÃO. O primeiro a pôr em evidência a ocorrência, na área da etnologia, de certas "idéias primordiais" que se encontram em toda parte foi ADOLF BASTIAN. Mais tarde, são dois pesquisadores da escola de DÜRKHEIM, HUBERT e MAUSS, que falam de "categorias" próprias da fantasia. A pré- formação inconsciente na figura de um "pensamento inconsciente" foi reconhecida pelo eminente HERMANN USENER. Se de algum modo contribuí no tocante a essas descobertas, foi por ter provado que os arquétipos não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa. (JUNG, 2002, p. 90)

Posto isto, os arquétipos dos personagens fazem parte de cada indivíduo com as características e personalidades em comum com outros personagens, como os heróis possuem os seus aspectos que são comuns aos aspectos dos anti-heróis. Tudo dentro das fantasias literárias e fílmicas.

O personagem heroico é aquele que ajuda e salva as pessoas que estão em perigo, protegendo toda a cidade se necessário e “independente de situação, herói é um personagem correto, justo, audaz, talvez bonito, mas com certeza atraente e bom” (CAMPOS, 2007, p. 153). Segundo Vogler (2006, p. 52)

A palavra herói vem do grego, de uma raiz que significa "proteger e servir" (aliás, o lema do Departamento de Polícia de Los Angeles). Um Herói é alguém que está disposto a sacrificar suas próprias necessidades em benefício dos outros. Como um pastor que aceita se sacrificar para proteger e servir a seu rebanho. A raiz da idéia de Herói está ligada a um sacrifício de si mesmo. (Notem que eu uso a palavra para designar um personagem central ou um protagonista, independente do seu sexo.)

O herói não só luta para proteger as pessoas como também é capaz de morrer para salvá-las. Esse tipo de personagem é muito querido pelo público, seja os leitores ou os telespectadores. Como campos afirma:

Herói é o personagem que narrador e espectador aprovam, pelo qual torcem, próximo de quem querem estar, com quem querem se emocionar, se identificar e que, enfim, querem ver vitorioso e feliz. Heróis são o narrador e o espectador, fossem eles heróis. (CAMPOS, 2007, p. 154)

O público torce muito por esse personagem, por trazer esperança, fé e inspira-los a serem melhores e a praticarem o bem, demonstrando que de uma forma ou de outra o bem sempre vence o mau. De acordo com Vogler (2006, p. 53)

O propósito dramático do herói é dar à platéia uma janela para a história. Cada pessoa que ouve uma história ou assiste a uma peça ou filme é convidada, nos estágios iniciais da história, a se identificar com o Herói, a se fundir com ele e ver o mundo por meio dos olhos dele. Para conseguir fazer isso, os narradores dão a seus heróis uma combinação de qualidades que é uma mistura de características universais e únicas.

Dessa forma, os heróis possuem características que são parecidas com os aspectos de outros heróis, porém cada um possui uma única particularidade que diferencia de outros tipos de heróis, ou seja, cada um contém um arquétipo diferente, mesmo sendo herói.

Em vista disso, existe muitos heróis diferentes, como esclarece Vogler:

Há Heróis de vários tipos, incluindo os que querem e não querem ser Heróis, os solitários e os solidários, os Anti-heróis, os Heróis trágicos e os catalisadores. Como todos os outros arquétipos, o conceito de Herói é muito flexível, e pode expressar muitos tipos diferentes de energia. Os Heróis podem se combinar com outros arquétipos e produzir híbridos, como o Herói Picaresco, ou podem vestir, provisoriamente, a máscara de outro arquétipo, e assim transformar-se num Camaleão, num Mentor ou em outros — até mesmo numa Sombra. (VOGLER, 2006, p. 57)

Além de existir vários tipos de heróis os personagens podem ser definidos com mais de um arquétipo, por possuírem características de dois ou três arquétipos diferentes. O arquétipo de anti-herói pode ser entendido como o oposto do arquétipo de herói, devido ao seu prefixo anti, mas não é, pois o oposto de herói seria o vilão. O anti-herói é a mistura do lado heroico com o lado vilão, um lado mais de sombras do personagem. Conforme Vogler,

O termo "anti-herói" é enganador e pode induzir a alguma confusão. Por isso, é bom deixar bem claro, de saída, que um anti-herói não é o oposto de um Herói, mas um tipo especial de Herói, alguém que pode ser um marginal ou um vilão, do ponto de vista da sociedade, mas com quem a platéia se solidariza, basicamente. E nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, nos sentimos marginais. (VOGLER, 2006, p. 58)

Esse arquétipo de anti-herói é a união do arquétipo da sombra com o de herói, pois o personagem que é um anti-herói, tem o lado bom de herói e o lado mau de sombras. É um personagem que não é totalmente bom, por ter dentro de si um sentimento de rejeição, por algo que o feriu, deixando um lado ser dominado pelas sombras desse sentimento. Como Vogler fala que “o arquétipo conhecido como Sombra representa a energia do lado obscuro, os aspectos não-expressos, irrealizados ou rejeitados de alguma coisa” (VOGLER, 2006, p. 83). Ele ainda reforça dizendo que “uma Sombra pode ser um personagem ou uma força externa ao herói, ou pode ser uma parte dele mesmo profundamente reprimida” (VOGLER, 2006, p. 86).

Segundo Evangelista (2017, p. 3)

[...] definimos como anti-herói os personagens com honra, cansados das injustiças e da corrupção da sociedade, que fazem justiça com as próprias mãos e cujas atitudes são marcadas por serem levadas ao extremo em uma tríade composta por vingança, violência e subversão de valores morais.

Por isso, os personagens que estão com o arquétipo de anti-herói, sempre mostram o seu lado de sombras, seja através da vingança, por um ato violento ou até mesmo matando, para se livrar do sentimento de rejeição, que o leva para a escuridão.

Vogler explica dois tipos de personagens que se encaixam no arquétipo de anti-heróis:

Personagens que se comportam de modo muito semelhante aos Heróis convencionais, mas a quem é dado um toque muito forte de cinismo, ou uma ferida qualquer, como os personagens vividos por Humphrey Bogart em *À beira do abismo* e *Casablanca*.

Heróis trágicos, figuras centrais de uma história, que podem não ser admiráveis nem despertar amor, e cujas ações podemos até deplorar — como

Macbeth, ou Scarface, ou o personagem Joan Crawford em *Mamãezinha querida*. (VOGLER, 2006, p. 58)

Dessa maneira, os anti-heróis são heróis que não aceitam injustiças e que fazem as suas próprias justiças, matando se for necessário. E isso é um dos erros e defeitos dos anti-heróis que as vezes acabam não sendo os preferidos pelo público, mas não deixam de ser heróis. Até mesmo por proteger e defender quando alguém se encontra em estado de perigo.

Sendo assim, existe vários tipos de arquétipos de heróis, trazemos aqui o arquétipo de arauto e o personagem redondo (esférico). A definição do personagem redondo é dita por Campos, (2007, p. 140), “Personagem redondo é aquele constituído de traços plurais de perfil [...]”. Já o arquétipo de arauto Vogler explana:

Numa construção típica, na fase inicial de uma história, os heróis de alguma forma "iam levando". Levavam uma vida um tanto desequilibrada, por meio de uma série de mecanismos de defesa ou de tolerância. De repente, entra na história uma nova energia que torna impossível que o herói simplesmente continue a "ir levando". Uma nova pessoa, condição ou informação desequilibra de vez o herói; daí por diante, nada, nunca mais, será igual. É preciso tomar uma decisão, agir, enfrentar o conflito. Foi entregue um Chamado à Aventura, geralmente por um personagem que é a manifestação do arquétipo do Arauto. Os Arautos são tão necessários na mitologia que o deus grego Hermes (o romano Mercúrio) foi destinado a expressar essa função. (VOGLER, 2006, p. 75)

Em função disso, tudo que faz o herói agir, seja tomar uma decisão de acordo com a situação, por meio de uma informação, algum acontecimento ou até mesmo um sonho é chamado de arauto.

Deste modo, como foi esclarecido sobre os arquétipos de alguns tipos de heróis, vamos ao arquétipo da personagem Emily, a noiva cadáver.

Esta personagem, a princípio se encaixa em um arquétipo de heroína trágica, pois é uma das protagonistas do romance gótico e é a principal de uma tragédia, pertencente a uma família rica. O motivo dessa tragédia é o seu grande sonho de se casar, um sonho que chamamos de arauto, por ser a força que a move em busca da realização desse sonho. É por esse sonho que ela percorre toda sua jornada, que não foi finalizada de forma desejada, sendo vítima de um assassinato, que impediu o acontecimento desse sonho em vida, mas não em morte. Por isso, mesmo estando morta, o seu sonho continua intacto, a espera de um verdadeiro amor que possa torná-lo real a qualquer momento.

O Victor também é um dos protagonistas do romance, um rapaz que mesmo por engano, desperta a noiva cadáver da morte (figura 2), para finalmente realizar o tão esperado casamento.

Realização essa, que a faz sair do mundo dos mortos e voltar para o mundo dos vivos. Um sonho capaz de mantê-la presa em um mundo, mesmo pertencendo a outro mundo. E assim, ela continua em dois mundos, morta em um e viva em outro pelo seu sonho, até conseguir realizá-lo e poder ficar em paz.

Figura 2³ – Emily acordada no mundo dos vivos.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Ao ser acordada no mundo dos vivos pelo amor esperado que quase realizou o seu sonho, é nesse mundo que ela mostra todo o seu lado de heroína. Não aceitando que o Victor tire a sua própria vida para ficar com ela, desistindo do seu sonho e da sua felicidade para que outra pessoa possa realizar e ser feliz em seu lugar. Nesse caso, a outra pessoa que vai realizar o seu sonho é a noiva viva do Victor que se chama Victoria, outra protagonista que também possui o mesmo sonho de se casar. É por meio da sua desistência que a noiva cadáver liberta o Victor de se casar com ela e se auto liberta de um sonho que não faz mais sentido realizar, pois para realizá-lo outras pessoas seriam infelizes.

A noiva cadáver, não só desistiu do sonho, que gerou a libertação dela e do casal dos noivos (figura 3), como também protege o Victor, evitando que o seu assassino Lord Barkis o matasse, como ele próprio fala: “Vou ter que matá-lo também” (A NOIVA CADÁVER, 2005,

³ Sequência disponível em 00:17:13.

sequência disponível em 01:08:42). E assim, ela entra na frente poupando a vida do Victor, tirando a espada do assassino (Figura 4).

Figura 3⁴ – Emily liberta Victor e a Victoria.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

⁴ Sequência disponível em 01:07:40.

Figura 4⁵ – Emily defendendo o Victor.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Emily, antes de desistir do sonho, assim que recebeu o pedido de casamento do Victor, ela aceitou e o levou para o mundo dos mortos, mostrando para ele que seria uma ótima noiva. Apesar de saber que ele estava noivo de outra mulher e que é uma mulher viva, ela fica revoltada mostrando o seu lado ruim (figura 5), um lado de sombras, onde mora o sentimento de rejeição, após ter sido assassinada de forma horrível e inesperada. Vejamos no diálogo entre Victor, Emily e Victoria, o momento em que é revelado para Emily que o Victor tem outra noiva e ambas se conhecem:

[...]

- Victoria, acontece que, que, que, eu já estou casado. Mas você tem que saber que foi inesperado.

- Não conseguir esperar querido! Eu quero... Querido, quem é ela?

- Quem é ela?

- Eu? Sou a esposa dele!

- Victor!

- Victoria, espera você não entende, ela está morta! Vê!

- Amarelinha

- Não, Não, Victoria... (A NOIVA CADÁVER, 2005, sequência disponível em 00:37:44).

⁵ Sequência disponível em 01:09:51.

Figura 5⁶ – Emily revoltada levando o Victor para o mundo dos mortos.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Ao saber que o Victor tem outra noiva, Emily, fica revoltada levando-o para o mundo dos mortos a força. Ela não compreende que ele gosta de outra, pois o que diferencia ela da outra é o fato dela está morta e a outra viva. E por isso, ela quer ficar com o Victor mesmo sabendo que ele não a ama. Se encaixando em outro arquétipo de anti-heroína. Sendo dominada pelo seu sentimento de rejeição e frustração, quase obrigando o Victor a ficar com ela se tornando um empecilho para a felicidade do casal.

Com tudo isso, Victoria fica perdida sem saber o que fazer para libertar o Victor de um cadáver, observamos na conversa a seguir, entre Victoria, a senhora Everglot e a empregada:

- É verdade mãe! Victor está casado com uma mulher morta, eu a vi! Um cadáver, estava bem aqui, com Victor!
 - Ele esteve no seu quarto?
 - Eu tenho que ajudá-lo!
 - Escândalo!
 - Venha sentar-se na cadeira querida!
 - Está tremendo tanto eu vou pegar um cobertor para você!
 - Traga uma camisa de força, está completamente louca [...]
- (A NOIVA CADÁVER, 2005, sequência disponível em 00:43:23)

⁶ Sequência disponível em 00:38:22.

Victoria, sem o noivo amado, agora é obrigada pelos seus pais a se casar com o Lord Barkis, o falso rico e assassino de Emily, que costuma dar o golpe depois do casamento, matando a esposa para ficar com o dinheiro dela.

Emily ao reencontrar Lord Barkis, não se vinga com suas próprias mãos, mas permite que ele tome o veneno que era para o Victor e ao permitir ela revela mais um lado de anti-heroína, se sentindo vingada. Porém, o lado bom da morte de Lord Barkis é que Victoria fica livre e viúva para se casar com o Victor. Mesmo Emily permitindo a morte de Lord, ela permitiu também um livramento de Victoria, pois o Lord já havia planejado a morte de Victoria (figura 6). Nesse mesmo ato Emily se mostrou heroína.

Figura 6⁷ – Lord Barkis tenta matar Victoria.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Em vista disso, a noiva cadáver é também uma personagem complexa, confusa e teimosa, porém o seu lado doce, meiga, carinhosa, bondosa, sensível e generosa, se encaixa em mais um perfil de personagem redonda. Conforme veremos no diálogo de Emily com a larva, um dos seus amigos conselheiros que mora dentro da sua cabeça. Ela discute mostrando a sua teimosia.

⁷ Sequência disponível em 01:08:38.

- Essa é a voz de sua consciência, escute o que eu digo, confesso que eu não confio naquele garoto, você sabe que ele não é um...
 - Vai encher o ouvido de outra pessoa um pouco, Victor foi encontrar os pais, como ele disse!
 - Se eu não tivesse acabado de sair de sua cabeça, eu diria que perdeu o juízo.
 - Garanto que ele tem uma razão muito boa, para demorar tanto.
 - Eu garanto que sim! Por que não vai perguntar a ele?
 - Tá bem, eu vou!
 - Afinal, ele não pode ir longe, medroso como ele é!
- (A NOIVA CADÁVER, 2005, sequência disponível em 00:35:41)

Nesse diálogo é perceptível que Emily é teimosa e que prefere acreditar que o Victor pretende ficar com ela. Sendo assim, a personagem Emily, a noiva cadáver possui mais de um arquétipo com características de heroína trágica e anti-heroína. Ela é uma personagem que não possui todas as particularidades de uma heroína, mas existe alguns traços que a transforma em heroína, pois para ser uma personagem heroica, não é necessário obter todas as características basta ter apenas um sinal de heroína. Por ser uma personagem que está sujeito a mudança. Portanto, a noiva cadáver apesar de morta é uma personagem sobrenatural marcada por uma tragédia, que possui um sonho vivo dentro de si, gerando sentimentos bons e ruins, que se transforma em uma complexidade que tira toda a sua paz. Mas, que não a impede de ser heroína.

3. UMA PERSONAGEM MORTA

A morte é a nuvem negra no horizonte,
a lúrida promessa no céu claro
que guarda a escuridão, como um preclaro
segredo armazenado pelo instante.

A morte vem e voa, como um pássaro
Estonteado pelo meio-dia,
flecha partida de onde nada havia
senão a luz que amortalhava o mar.

A morte vai na frente, como a proa
do navio que vence o nevoeiro
rumo ao porto final. A morte voa

e, vento exposto ao vento e ao sol poente,
quer ser vida e é morte novamente,
e silêncio do porto derradeiro.
(IVO, 2004, p. 927).

3.1. Do mundo dos mortos

O mundo dos mortos, sempre foi visto como um mundo assustador, feio, frio e temido por muitos seres humanos. Segundo Muniz (2006, p.160),

A morte faz o homem lembrar que as capacidades humanas em relação ao universo natural são limitadas. Uma nova imagem da morte se formou em nossa época; a morte é escondida e silenciada. Por ser entendida como feia e suja, foi banida do espaço familiar para as instituições hospitalares e para o cemitério. Com o aumento da expectativa de vida, a morte tornou-se mais distante, deixou de ser admitida como fenômeno natural e necessário. Agora, ela é sempre considerada como prematura ou acidental, sempre oculta na doença ou no acidente. Tal comportamento tanto por parte do moribundo quanto dos seus familiares traz intrinsecamente implicações psicológicas e sociais, além de culturais.

A imagem da morte se torna horrível e inevitável para os indivíduos, mesmo que tentem evitar ao máximo, a morte vem, ela sempre vem, como diz no refrão da música cantada por um esqueleto no filme:

[...] Vai, vai chegar sua vez
A morte virá, não importa o freguês
Você pode até se esconder e rezar
Mas do funeral não irá escapar [...]
(NOIVA CADAVER, 2005 sequência disponível em 00:21:00)

A morte chegará para todos. Por mais que não queiram tocar no assunto ou fugir dela através da ciência, da medicina, a morte vai chegar, por algo natural, um fenômeno que acontece com todos os seres vivos. Como declara Muniz (2006, p.160): “A constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la cada vez mais com a ajuda da medicina [...]”. A morte é a separação do corpo e da alma, da carne e do espírito, é quando alguém deixa de ser palpável e passa a ser intocável. É essa separação que mexe com o emocional, ocasionando um enorme sofrimento para os seres vivos, ao saberem que um ente querido não permanecerá mais no mesmo mundo que eles. “Um dos aspectos mais marcantes da morte é o impacto emocional que ela causa nos sobreviventes. Amar seres que já não existem é arrancá-los do nada e criar em nós mesmos essa segunda existência [...]”. (MUNIZ,2006, p.167). Todo esse sofrimento é visto ainda mais no cemitério, no local dos mortos onde é deixado os corpos e toda a sua história guardada como lembranças e legado, cultuando as suas memórias como um indivíduo. Como fala Muniz (2006, p. 161):

O cemitério é a terra dos antepassados, local onde passado e presente se chocam, onde as memórias afloram e as lágrimas correm: é o campo das orações. Mais do que uma instituição responsável por catalogar e asilar os restos mortais humanos, compreende um campo sagrado onde ocorrem manifestações sócio-culturais múltiplas; é um dos lugares onde o homem se relaciona com o transcendente, com o sobrenatural; é o local que nos questiona sobre qual o sentido da nossa existência. Quem somos? Para onde iremos? Lá, o homem manifesta toda sua crença e insegurança, certezas e esperanças através de símbolos e ritos.

Sedo assim, percebemos que a morte, além de ser sofrida é muito temida e apavorante para os seres humanos, mas para outros é motivo de comemoração. “Para alguns, a morte é um desaparecimento; para outros, uma transformação, pura e simples [...]”. (MUNIZ, 2006, p. 166).

No México a partir do final do século XIX, até os dias de hoje, a morte é comemorada e festejada, pelo menos uma vez por ano, a morte se torna a convidada especial da festa. Para os mexicanos, a morte não é motivo de lamentação e sim de alegrias. No dia 02 de novembro é o dia da festa dos mortos, já no Brasil esse dia é dos finados, porém, é um dia de tristezas, de visitar no cemitério aqueles que se foram. Uma visita que traz lembranças que remetem ao choro, a dor e o sofrimento de muitos brasileiros, ao contrário do México que comemora a visita dos mortos na terra, com oferendas, como, bebidas alcoólicas, cigarros e flores coloridas que só se encontram nessa época. Uma festa muito animada e tradicional, isso acontece porque os mexicanos compreendem a relação de origem que existe entre a vida e a morte e que elas são

inseparáveis. Para ter a vida é necessário ter a morte. Como diz Muniz (2006, p. 164): “A visita dos cemitérios não cessa de ser recomendada. É do interesse dos mortais escutar as lições que lhes dão os mortos. É preciso se convencer da fragilidade de todas as coisas humanas diante dos túmulos dos mortos: os sepulcros são escolas de sabedoria [...]”. Por isso, o povo mexicano, consegue entender muito bem por meio dos seus estudos e dos ensinamentos, como acontece a morte e a vida. E é através dos seus entendimentos que o dia dos mortos é cheio de comemorações e alegrias e não melancólicas como acontece em vários países.

Assim, como é comemorado o dia dos mortos no México, essa comemoração não poderia deixar de acontecer no mundo fantástico da arte literária com a estética gótica, no filme *A Noiva Cadáver* (2005) de Tim Burton. O mundo dos mortos no filme é um mundo que possui esqueletos que cantam, tocam, bebem, dançam e conversam em um bar, com bastante alegria, diversão e distração, em um local iluminado, cheio de cores vivas e roupas coloridas. Um mundo com figuras cômicas que fogem de melancolias. Conforme veremos nas imagens abaixo:

Figura 7⁸ – Esqueletos tocando e dançando.



Fonte: Imagem tirada do filme *A Noiva Cadáver* (2005).

⁸ Sequência disponível em 00:20:44.

Figura 8⁹ – Cadáveres felizes com roupas coloridas.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 9¹⁰ – Esqueletos se divertindo.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

⁹ Sequência disponível em 00:57:20.

¹⁰ Sequência disponível em 00:19:57.

No filme Viva- A Vida É Uma Festa (2017) de Lee Unkrich e Adrian Molina, também vemos o mundo dos mortos divertido e deslumbrante, com roupas coloridas e esqueletos dançantes. Como mostra nas figuras abaixo:

Figura 10¹¹ – Cantando e dançando no mundo dos mortos.



Fonte: Imagem tirada do filme Viva - A Vida É Uma Festa (2017).

¹¹ Sequência disponível em 00:52:13.

Figura 11¹² – Esqueletos felizes e sorrindo.

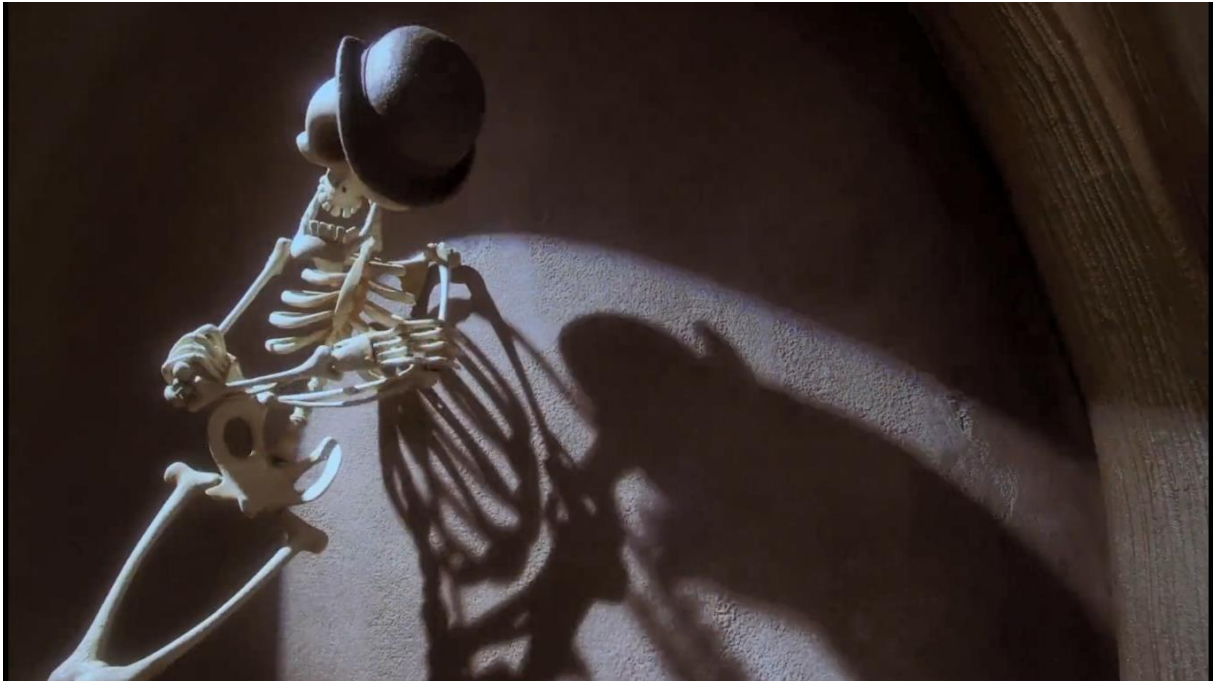


Fonte: Imagem tirada do filme Viva - A Vida É Uma Festa (2017).

Como foi visto nas imagens acima, o mundo dos mortos completamente animado e festivo, mas o que seria o mundo dos mortos afinal? Seria o purgatório? Não, pois o purgatório é um lugar de purificação e nesse mundo dos mortos no filme A Noiva Cadáver, eles já estão felizes, livres, dançando e festejando, já se purificaram e estão em outro plano que não faz parte do purgatório. Nesse plano, possuem mortos que já estão lá há muitos anos (figura 12), enquanto os que morreram há pouco tempo ficam com o corpo da cor azul (figura 13) e os que que já morreram há algum tempo ficam com uma metade do corpo azul e a outra metade caveira em estado de decomposição (figura 14).

¹² Sequência disponível em 00:57:54.

Figura 12¹³ – Esqueleto no mundo dos mortos há muitos anos.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 13¹⁴ – Pessoa morta há pouco tempo.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

¹³ Sequência disponível em 00:20:24.

¹⁴ Sequência disponível em 00:52:46.

Figura 14¹⁵ – Emily morta há algum tempo.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

A Emily, vai para o mesmo plano que os mortos estão, mas ela se encontra em uma espécie de purgatório mental, porque está presa em um sentimento de mágoa precisando se libertar. E o que é o purgatório? De acordo com as crenças religiosas do catolicismo é um lugar onde os mortos vão quando morrem deixando algo para resolver no mundo dos vivos, lá eles esperam ficar tudo resolvido para poderem se libertarem e partirem para outro lugar, outro plano, seja para o céu ou para o inferno. O purgatório, submundo ou antessala é uma ideia que surgiu no final do século XII, como é revelado por Schimtt (1999, p.11):

A influência religiosa e material da igreja [...] sobre a sociedade leiga [...] permitiu inculcar nos fiéis uma moral religiosa centrada nas noções de pecado, de penitência, de salvação, que culminou, no fim do século XII, no nascimento do purgatório.

O purgatório é o local da morada dos mortos, que esperam para serem limpados do pecado mundano e ser resolvido todas as suas pendências que foram deixadas enquanto eram vivos, para serem finalmente julgados e libertados, seja para o paraíso ou para o inferno. Um lugar que abriga os mortos, independentes de serem almas boas ou ruins, até pagarem pelos seus pecados. Porém, é um local livre da pressão do mundo dos vivos, de pessoas que estão

¹⁵ Sequência disponível em 00:42:56.

sempre competindo uns com os outros em busca de serem sempre melhores. No entanto, nessa sala de espera, todos são iguais, não existe melhor e nem pior, por isso o mundo dos mortos é alegre, divertido e colorido, sem aquela melancolia existente no mundo dos vivos. Como foi mostrado nas figuras acima do filme a Noiva Cadáver.

A libertação dos mortos no purgatório só acontece por meio das orações das pessoas e principalmente pelos familiares dos seus entes queridos. Essas orações são feitas pela salvação das almas dos que se foram, através de missas celebradas aos mortos, e só assim eles serão libertos mais rápidos do que o tempo esperado. Como declara Duby (1998, p.133): “aqueles que permaneciam na terra eram capazes, por suas boas obras e suas orações, de ajudar as almas do purgatório a abreviarem o tempo em que deviam purgar-se do que as conspurcava”. O ato dos vivos ajudar os mortos a saírem do purgatório e entrar no céu por intermédio das suas orações é uma forma dos vivos cuidarem dos que já se foram, até porque os vivos também vão morrer um dia. Conforme falou Inocêncio III, (apud LE GOFF, 2017, p. 316): “os vivos cuidam dos mortos porque eles mesmos são futuros mortos”.

Os mortos, por mais que tenham as orações dos vivos para se libertarem com antecipação, eles ainda vem pedir ajuda dos vivos, por estarem muito atormentados com seus pecados e a forma deles chegarem na terra é através do portal do purgatório e do portal do plano em que os mortos se encontram, que conecta o mundo dos mortos com o mundo dos vivos e também dá acesso ao céu e o inferno. Entretanto, os mortos para chegarem no mundo dos vivos, mesmo atravessando o portal, só é possível pela permissão de Deus, tudo que acontece nesse mundo ou no outro é pela permissão do Criador do céu e da terra. Como diz Brandão (1953, p.8), “essas aparições se davam por permissão de Deus, raras vezes, e por milagre, para ensinamento e confirmação da imortalidade da alma, para lição dos vivos ou para pedir socorro e sufrágios”. Para Delumeau a permissão de Deus também era necessária, “Deus pode permitir que as almas dos mortos se mostrem aos vivos sob aparências de seu corpo de outrora” (DELUMEAU, 2009, p. 125). Diante disso, os mortos podem sair do plano ou do além para a terra, desde que Deus dê a sua permissão para a chegada deles na terra dos vivos.

Os mortos que também são chamados de fantasmas, assombrações e até mesmo de alma penada, aparecem no mundo dos vivos não só para pedirem ajuda como também para avisar algo aos vivos ou simplesmente para assustá-los, como uma forma de vingança, por não terem sido bem cuidado no seu sepultamento ou por outros motivos. “Os fantasmas vêm instruir a igreja militante, pedir orações que os libertarão do purgatório ou admoestar os vivos para que vivam melhor”. (DELUMEAU, 2009, p. 126). E assim, alguns mortos aparecem tanto para pedir socorro e ajudar os vivos como para assombrá-los, eles são “capazes de atormentar ou ajudar

os vivos” (REIS, 1991, p. 90). Isso, acontece também porque alguns mortos não se conformam que morreram e procuram essa forma de assustar os vivos para se sentirem bem, como Vovelle fala que são “[...] os mortos simplesmente agressivos, sanguinários até” (VOVELLE, 2010, p. 31). Em vista disso, os mortos que são malvados e rancorosos podem apavorar os vivos porque uma vez que eles conseguem a permissão de Deus para entrar na terra, eles podem fazer o que bem entenderem. Dessa forma, os mortos amedrontam sem nenhum problema os vivos que eles quiserem, sejam seus parentes ou não.

No filme *A Noiva Cadáver* acontece a travessia do mundo dos mortos para o mundo dos vivos, pelo portal do plano em que eles estão e não pelo portal do purgatório, quando o Victor aceita se casar com Emily, todos os mortos voltam a terra (figura 15), para participar da celebração do casamento (figura 16), ao chegarem no mundo dos vivos, eles levam toda alegria para cima deixando o ambiente mais colorido, isso porque eles eram mortos do bem que foram festejar e não aterrorizar ninguém. Todos bem vestidos (figura 17), e com a mesma roupa que morreram, trazendo a magia das roupas estarem impecáveis.

Figura 15¹⁶ – Os mortos voltam ao mundo dos vivos.



Fonte: Imagem tirada do filme *A Noiva Cadáver* (2005).

¹⁶ Sequência disponível em 01:02:55.

Figura 16¹⁷ – Os mortos participando da celebração do casamento no mundo dos vivos.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 17¹⁸ – Mortos com roupas impecáveis.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

¹⁷ Sequência disponível em 01:05:08.

¹⁸ Sequência disponível em 00:57:13.

No entanto, o Victor foi literalmente teletransportado para o mundo dos mortos, junto com a Emily, ele entrou no mundo dos mortos de corpo e alma, pelo mesmo portal que a Emily faz a passagem, sem precisar conhecer a morte. Vejamos no diálogo entre Emily, Victor e os mortos:

-Um recém-chegado!
 -Ele deve ter desmaiado, você está bem?
 -O quê que houve?
 -Minha nossa, acho que nós temos um vivo.
 -[...]
 -Ainda está macio!
 -[...]
 (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:18:59).

Isso é possível dentro do mundo literário, porque para a ciência não existe a possibilidade de um ser vivo chegar no mundo dos mortos sem está morto, ainda assim só a alma vai para o outro mundo e o corpo não, pois na morte o corpo e a alma se separam, não vão juntos. Mas como na literatura tudo é permitido, o Victor não só chega no mundo dos mortos como também é bem recebido por todos os defuntos, participando das festas e lá reencontra o seu cachorro que já morreu há bastante tempo e é dado novamente de presente para ele. Emily leva o Victor para o mundo dos mortos sem precisar de nenhuma magia, apenas pelo portal do plano que ela se encontra, que dá acesso ao mundo dos mortos e dos vivos, como o portal do purgatório que também possui o mesmo acesso ao mundo dos mortos e o mundo dos vivos, mas quando ela voltou para o mundo dos vivos com Victor ela precisou de um feitiço, porque para fazer as travessias mesmo que sejam rápidas é necessário ter uma permissão e nesse caso o velho mágico Gutknecht, permite a passagem deles fazendo o feitiço. Observe no diálogo com Emily, Victor e o velho Gutknecht:

-[...]
 -Precisamos ir lá em cima, visitar o mundo dos vivos.
 -O mundo dos vivos? Ah, minha querida!
 -Por favor, velho Gutknecht!
 -Mas, por que ir lá em cima se as pessoas estão morrendo para vir aqui para baixo?
 -Eu imploro a sua ajuda, significa tanto para mim, para nós.
 -Eu não sei, é que isso não é natural!
 -Por favor velho Gutknecht, é claro que o senhor pode fazer alguma coisa!
 -Hum, deixe-me ver o que posso fazer, onde eu coloquei aquele livro? Deixei aqui em algum lugar! Ah, é este aqui! Achei um feitiço de assombração craniana, é só o que preciso parar essas viagens rápidas!
 -Estou feliz por ter tido essa ideia!

-Eu também
 -[...]
 -Lembre-se, que quando quiserem voltar, digam amarelinha!
 - Amarelinha!
 -Isso!
 (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:31:14).

Com isso, fica claro que os mortos precisam da permissão para atravessar o portal, no filme eles precisaram da aceitação do velho mágico e para a religião católica os mortos precisam que Deus permita a passagem deles. Dessa forma, o nascimento do purgatório é importante, não só para trazer uma chance das almas poderem ir ao mundo dos vivos pedir ajuda para pagar pelos seus pecados, como também por carregar a esperança dos mortos conseguirem a salvação e entrarem no paraíso. “[...] O purgatório modificou a atitude dos cristãos diante dos últimos momentos da vida. Ele dramatizou esta última fase da existência terrena, carregando-a de uma intensidade mesclada de temor e de esperança. [...]” (LE GOFF, 2017, p. 542).

Em suma, a finitude da vida é algo que preocupa o homem, tanto pelo lado religioso como pelo lado científico. Mas “[...] a morte não se reduz à destruição” (MUNIZ, 2006, p. 164), e sim, a continuidade da vida em outro plano. Muniz esclarece que:

Estudar a morte é estudar a história do homem, pois ela é tão antiga quanto o próprio homem. Temos sempre sua percepção, mas não temos certeza do que de fato ela é, do que nos espera. A reflexão sobre a morte é também sobre a vida. Não é possível se analisar o sentido da vida sem se deparar com o problema do sentido da morte. O homem, apesar de se esquecer algumas vezes disso, é um animal e está subordinado às leis da natureza. Portanto, morte e vida coexistem em seu mundo. Dessa forma, pela sua natureza animal, ele está inserido no ciclo da vida e da morte. Morrer é necessário para a manutenção e aprimoramento da espécie; morre-se para que outros possam nascer [...]. (MUNIZ, 2006, p. 167).

Com esse esclarecimento é mais do que nítido afirmar que a morte é um ciclo inevitável da vida, que está atrelada em uma imagem de renascimento e renovação, transfigurando-se em um grande igualador de pessoas. “[...] Onde inclusive um milionário no final sucumbe à nivelção da morte, frente a qual todos somos iguais [...]”. (ALVES, 2015, p. 89).

3.2. Da literatura gótica

A literatura gótica representa o romantismo e está associada com a literatura fantástica, por envolver à fantasia, à loucura, o mistério, o medo, o terror, o lado obscuro, o suspense, a

assombração, o horror e por conter informações que fogem da realidade, aproximando a morte do amor.

Segundo Menon (2007, p. 28),

Mesmo antes de definir-se como gênero, sempre houve dentro da literatura lances que explorassem o medo, o cruel, o sobrenatural e outros ingredientes que irão se mixar na narrativa gótica. Muito desses lances, cuja origem estava na oralidade, se solidificaram em forma de contos maravilhosos/fantásticos, em trechos de romances de cavalaria, em literatura de cordel, em poesia tumular etc.

Por isso, a literatura gótica se destacou, por conter todos os elementos que são assustadores e sombrios capazes de colocar medo em qualquer leitor, com assombrações, “[...] fantasmas que povoam seu texto [...]”. (SILVA, 2004, não paginado). E com obras que revelam mistérios, tragédias, amor, traição, drama etc. Apesar de todo o terror também contém emoções que estão envoltas com o romantismo.

O romantismo está presente na literatura gótica, por ser uma arte que traz traços da modernidade e que possui uma aproximação da realidade conseguindo mesclar o fictício com o real, sendo um estilo artístico que envolveu a cultura e revolucionou a sociedade, marcando os valores da burguesia e da individualidade, trazendo a modernidade nas artes das obras românticas. E assim, se tornou um dos maiores movimentos artísticos do século XVIII e XIX.

A estética do romantismo, se desenvolveu em vários países com alguns valores comuns, como, o egocentrismo, sentimentalismo de exagero, nacionalismo, idealização da mulher e do amor, tom depressivo que eleva a fuga da realidade através da morte, do sonho ou da arte. As fases dessa arte foram divididas em três: o romantismo ultra sentimental, social e nacionalista, esses movimentos trazem diversos autores, como, Johann Wolfgang Von Goethe (1749 a 1832), Lord Byron (1788 a 1824), Victor Hugo (1802 a 1885), Camilo Castelo Branco (1825 a 1890), Almeida Garrett (1799 a 1854), Aluísio Azevedo (1857 a 1913), Álvares de Azevedo (1831 a 1852), Casimiro de Abreu (1839 a 1860), Castro Alves (1847 a 1871), Gonçalves Dias (1823 a 1864), Joaquim Manuel de Macedo (1820 a 1882), José de Alencar (1829 a 1877), Machado de Assis (1839 a 1908), entre outros.

A literatura gótica surgiu no século XVIII, trazendo consigo a obra principal que iniciou a sua chegada, O Castelo de Otranto, publicado em (1764) do escritor Horace Walpole. Nesse período, os escritores chamavam atenção com as suas narrativas góticas por conterem elementos marcantes, como, o melodrama dos personagens, descrições de castelos, templos, cenários épicos que se refere ao romance medieval, trazendo também histórias de amor e

traição. Um dos pontos mais relevantes da narrativa gótica era os mistérios que estavam na maioria das vezes no passado, o ocultismo que estava presente tanto no passado como no futuro, com melancolias, histórias horripilantes, horríveis, personagens sombrios, fantasmagórica, com vidas assustadoras e difíceis de serem vividas, mas com muita emoção nas obras o que causava um afrontamento com os costumes da época.

Segundo Manzatto e Villas Boas (2016, p. 7)

Diversas alusões ao Mistério se fazem presentes em narrativas, poemas, em textos sagrados que o testemunham, e por isso dizemos que o Mistério se faz literatura, isto é, suas experiências ou referências a ele aparecem na linguagem humana de forma metafórica, preche de sentido e significado.

O mistério que a literatura traz nos proporciona medo, curiosidade e vontade de ler para compreender os significados da narrativa literária, pois os mistérios da literatura conseguem ultrapassar, ir além dos nossos pensamentos e ensinamentos. Como diz Manzatto e Villas Boas (2016, p. 7),

O Mistério nos ultrapassa como ultrapassa também nossa simples linguagem, e por isso mesmo sua percepção se pode dar em figuras, textos e estilos literários que a ele remetem como o oculto que ilumina, o desconhecido que aponta para sentidos de existência humana.

Dessa forma, o mistério além de se fazer presente na literatura gótica, nos possibilita algo novo que nos prende na narrativa com a intensão de compreendê-la e tentar entender o sentido do ser humano nesse mundo. Como afirma Manzatto e Villas Boas (2006, p. 7):

Mistério não quer dizer enigma que não se pode compreender ou explicar, mas sim fonte inesgotável de significação, o que implica em reconhecer que todas as compreensões, explicações e experiências vivenciadas não esgotam a capacidade de o Mistério significar. Ele sempre vai além, nos ultrapassa, abre perspectivas e possibilidades de novidade na percepção do sentido do que significa ser humano no mundo.

Por isso, juntamente com o mistério nas narrativas literárias góticas se obtém histórias melancólicas e trágicas, com assombrações que causam o terror, espíritos que envolve todo o lado do sobrenatural que estão ligados com a morte, mas sempre com sentimentos que se unem ao amor. E assim, ultrapassando os limites do ser humano, fazendo com que eles fiquem cativados por essa arte. Conforme fala Manzatto e Vilas Boas (2016, p. 7):

A literatura torna-se, então, mais do que lugar e veículo de afirmação do humano, ambiente em que se pode ultrapassá-lo, de novo, não com sua negação ou diminuição, mas ecoando a amplitude de sua significação. Ela se converte em autêntico locus revelationis do significado do humano enquanto expressão do Mistério que o envolve e o ultrapassa, o define e o qualifica, o percebe e o significa.

Sendo assim, a literatura vai estar sempre evoluindo, indo além do mundo em que vivemos, buscando o novo e fazendo os seres humanos pensarem sobre seus atos e ações, formando a sua própria revolução. Como fala Perrone-Moisés “a função revolucionária da literatura não consiste em emitir mensagens revolucionárias, mas em levantar, por suas reordenações e invenções, uma dúvida radical sobre a fatalidade do real, sobre o determinismo da história”. (PERRONE-MOISES 1990, p. 108). E assim, a literatura gótica revolucionou e atravessou os séculos com a sua nova narrativa gótica.

A literatura gótica foi e continua sendo muito bem representada por excelentes obras e escritores, realçamos aqui algumas obras, como, Frankenstein (1818) de Mary Shelley, Drácula (1897) de Bram Stoker, Vathek (1786) de William Beckford, O Médico e o Monstro (1886) de Robert Louis Stevenson, O Morro dos Ventos Uivantes (1847) de Emily Brontë, As Flores do Mal (1857) de Charles Baudelaire, A Queda da Casa de Usher (1839) de Edgar Allan Poe, O Gato Preto (1843) de Edgar Allan Poe, O Corvo (1845) de Edgar Allan Poe, O Coração das Trevas (1899) de Joseph Conrad, A Negação da Morte (1973) de Ernest Becker, entre outros.

O gótico substituiu a arte românica ou estilo romanesco. Essa arte surgiu no século XI, se desenvolvendo na Europa, sendo definida como a arte romanesca no período em que a hegemonia da arte romana caiu, dando espaço para o surgimento do estilo gótico conhecido também como a arte das catedrais. O termo gótico surgiu no século XII na França, como um estilo arquitetônico que se espalhou para diversos locais na Europa até o século XV. Por ser uma arte que está ligada a religião, o estilo gótico é considerado durante a idade média com bastante êxito na igreja católica. De acordo com Menon (2007, p. 21),

O traço gótico pretendia expressar uma harmonia divina, definida pela verticalidade das linhas, pela pureza das formas, bem como pela renovação de técnicas de construção. Nessa arte, todo o cenário comunicava um simbolismo teológico em que as paredes eram a base espiritual da igreja, os pilares representavam os santos, os arcos e nervos indicavam o caminho para Deus, tudo se completava pelos vitrais que, geralmente, ilustravam relatos bíblicos, criando no observador uma sensação de que através daquele ambiente era possível se dirigir ao infinito, alçar o céu.

O estilo gótico possui construções com estruturas amplas para conseguir uma boa luminosidade dentro dos edifícios através de janelas e de vitrais com formas de rosáceas, o que torna este estilo totalmente oposto do estilo arquitetônico românico. As construções da arquitetura gótica tinham uma forma ogival nas naves das catedrais, com colunas finas, três portais na entrada e com arcos de sustentação também em formatos de ogival, agulhas e capitéis junto com o uso do arcobotantes que ajudaram os edifícios a ficarem cada vez mais altos com o intuito de chegar ao céu e fortificar a sua ligação com a igreja católica.

O nome gótico com o seu estilo artístico foi considerado pelos renascentistas e principalmente pelo arquiteto italiano artista e biógrafo Giorgio Vasari (1511 a 1574), um dos representantes ilustres do renascimento, um estilo monstruoso e bárbaro que deriva dos godos, um povo bárbaro que invadiu o Império Romano. Mas toda essa visão pejorativa do estilo gótico criado pelos renascentistas e pelo George Vasari mudou a partir do século XVIII, com um novo jeito de olhar arte gótica.

A palavra gótica foi usada pelos renascentistas no século XVI e XVII para se referir a um tipo de arquitetura medieval, como por exemplo as catedrais, a catedral de Notre-Dame localizada na França, catedral de Duomo na Itália, catedral de Colônia na Alemanha etc. Mas o estilo gótico não ficou apenas nas arquiteturas das catedrais, ele foi avançando para as esculturas que trazem a identificação dos personagens bíblicos, para as pinturas e também passou a estar presente nos edifícios seculares que não possuem nenhuma ligação com a religião, como, castelos, palácios, mansões e etc, por ser uma arte que acompanhou o renascimento e se misturou com a nascente burguesia da época. Entretanto surge como uma oposição aos iluministas, a “reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão, o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa” (VASCONCELOS, 2002, p. 122, apud LIMA e PEREIRA, 2018, p. 51). Dessa maneira, o gótico vem como sua especialidade e particularidade da imaginação, trazendo o sobrenatural, o inexplicável, que foge de tudo aquilo que é real com pensamentos da idade média que contraria toda razão e realismo dos pensamentos iluministas.

O gótico continuou evoluindo e a partir do século XIX, com novos pensamentos e todo o seu mundo imaginário criando personagens monstruosos e assustadores, gerando além do suspense um terror e horror psicológico.

Segundo Rosenfeld (2011, p. 35),

O autor pode realçar aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, dando às personagens um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma sugerir, levando-as, ademais, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida.

Dito isso, fica claro que o autor de uma narrativa gótica pode criar personagens que ultrapassam a realidade, através de falas, comportamentos e aparência física que causam impactos e sustos nos leitores. Rosenfeld (2011, p. 35 e 36), fala também que:

É precisamente o modo pelo qual o autor dirige o nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos ou diretamente através de aspectos da intimidade das personagens tudo isso de tal modo que também as zonas indeterminadas começam a “funcionar” é precisamente através de todos esses e outros recursos que o autor torna a personagem até certo ponto de novo inesgotável e insondável.

Por isso, o autor consegue prender o leitor nas suas narrativas, por serem grandiosas e criativas, utilizando personagens incomuns, fora do padrão da realidade que para muitos são personagens fascinantes, mesmo sendo estranho e estando fora do comum e para outros horripilantes por serem personagens sobrenaturais.

Devido o gótico ser muito abrangente, Montague Summer (apud MENON), traz uma classificatória sobre a grandeza do gótico:

A rubrica gótica abrange um vasto território. Seguindo o esquema classificatório quádruplo sugerido por Montague Summers, podemos ver que ele subsume o gótico histórico, o gótico natural ou explicado, o gótico sobrenatural e o gótico equívoco. O gótico histórico representa uma história situada no passado imaginado, sem sugerir eventos sobrenaturais, ao passo que o gótico natural introduz o que parecem ser fenômenos sobrenaturais apenas para dissolvê-los por meio de explicações. (...) O gótico equívoco (...) torna ambígua a origem sobrenatural dos acontecimentos que aparecem no texto em personagens psicologicamente perturbados. (...) Da mais alta importância para a evolução do gênero do horror propriamente dito foi o gótico sobrenatural, no qual a existência e a ação cruel de forças não naturais são afirmadas de maneira vívida. (MONTAGUE SUMMER APUD MENON, 2007, P. 40).

Com essa pequena classificatória é possível perceber que o gótico com toda sua amplitude reflete o seu encanto pelo terrível, por ser uma narrativa que possui um deslumbramento pelo feio, assustador, violento, macabro e por ter um terreno fértil para personagens, como, mocinhos e mocinhas, vilões, sanguinários, atormentados, perturbados, cavaleiros, mocinhas em perigo e na maioria das vezes a donzela é a solução do enredo, com heróis e anti-heróis, incluindo também castelos, tempestades, escuridão, melancolias,

incêndios, mortes misteriosas, violência, segredos de família, paixões avassaladoras, ambientes noturnos, frios e traços do sobrenatural, do oculto, com cenários místicos, sombrios e apocalípticos. Essas são as características típicas do romance gótico, que expõe sempre o terror e o horror.

Em meados do século XIX e XX, é representada pela literatura a mulher morta ou doente. Como diz Conde (2018, p.134):

Em um breve panorama referente à representação da mulher na literatura e na arte, no século XIX, nota-se a incidência da reprodução da imagem da mulher, em estado degenerativo, doente ou morta, vindo a tornar-se um ícone da mulher virtuosa neste período. Do mesmo modo, é válido pensar que as convenções Góticas mantiveram a estratégia de representação de um feminino decadente, que é idealizado por personagens masculinos excêntricos, isolados em um mundo interior, caracterizado por devaneios e perturbações. São personagens que possuem a clara sensação de desajuste e de não pertencimento ao mundo no qual vivem.

Dessa forma, a representação do corpo inanimado da mulher para os personagens masculinos é vista de maneira ideal, mesmo sendo assustadora, por está se referindo a um cadáver. “Geralmente, nas histórias, os personagens masculinos apresentam-se com um gosto voltado para a prática da necrofilia, cuja figura feminina torna-se uma espécie de fantasma ou sombra perturbadora”. (CONDE, 2018, p.135).

As narrativas com a estética gótica costumavam juntar a beleza da mulher com a morte e chamá-la de musa, amada, morta. Como fala Conde que, “demonstra-se, nas obras [...] pela estética Gótica, o fascínio suscitado pela conexão entre a beleza e a morte na figura da mulher, musa romântica em decomposição, rainhas da noite e da escuridão. [...]” (CONDE, 2018, p. 135). Por isso, a personagem feminina morta na literatura gótica traz um complemento para os amantes obcecados e fascinados pela beleza, necrofilia e morte, através do olhar da estética gótica, a morte de uma mulher e tão bela quanto ela.

A estética gótica com a figura ilustre da musa, morta, se encontra em várias obras de autores, como, Edgar Allan Poe (1809 a 1849), William Shakespeare (1564 a 1616), Cornélio Penna (1896 a 1958), entre outros.

No século XX, o estilo gótico chega ao cinema, devido a toda sua mudança e atualização que atravessou os séculos, conquistando o público, ganhando o seu espaço e se tornando uma arte bem analisada, estudada e apreciada. E nesse mesmo século o próprio cinema iniciou, com o surgimento do cinema muitas obras góticas se adaptam para o cinema, como, Drácula (1931) de Tod Browning, A Queda da Casa de Usher (1928) de Jean Epstein, O Fantasma da Ópera

(1925) de Rupert Julian, O Gato Preto (1934) de Edgar G. Ulmer, O Médico e o Monstro (1931) de Rouben Mamoulian, entre outros. Por sua vez, mostrando o mundo misterioso que se era imaginado nos livros, juntando com o som das falas dos personagens, contribuindo com a fantasia do mundo gótico. Essa junção de fala com imagens é o que dá vida aos personagens para serem eternizados na memória, como Gomes fala: “Ainda aqui o filme trará a sua contribuição destacada à imensa fantasia de memória do mundo” (GOMES, 2011, p.119).

O cinema teve sua evolução e junto com ela surgiram algumas vertentes cinematográficas e uma vertente que muito se destacou foi o expressionismo alemão, por fugir totalmente do mundo real e se aproximar do mundo da fantasia. Como fala Betton (1987, p. 14): “O expressionismo não vê, tem visões; impõe-nos vigorosamente sua sensibilidade na representação do mundo exterior, afastando-se da simples visão empírica dos objetos”.

O expressionismo alemão foi uma corrente artística que surgiu no início do século XX na Alemanha, se referindo a primeira guerra mundial, tendo permanecido por vinte anos, e com o fim da guerra o expressionismo se destaca e se espalha para vários campos artísticos, como por exemplo, no cinema, no teatro, na arquitetura, no vestuário, na pintura, na música, na dança, na fotografia e na literatura. Devido, a destruição que o fim da guerra ocasionou, os artistas do expressionismo se aproximaram do estilo gótico, como diz Fernandes (2002, p. 493), “[...] a adesão à poética do Expressionismo de dá enquanto aproximação com a cultura gótica alemã. Trabalha coma noção de organismo, a partir da qual a forma se estabelece, e contesta as leis da geometria”. Com essa aproximação, a expressão artística do expressionismo deixava bem claro nas suas construções, suas diferenças e inovações para a imaginação através das arquiteturas nas catedrais góticas.

Em 1920 na Alemanha, o expressionismo alemão surge no cinema com o movimento de vanguarda, um movimento que valoriza a expressão, a imaginação e não os fatos que são reais. Desde 1913, já existia no cinema filmes com aspectos do expressionismo, mas logo depois com a sua evolução juntamente com o gótico, o movimento artístico do expressionismo não só apareceu como também se fixou no cinema. O cinema expressionista produz filmes com temáticas góticas, como, o terror, o horror, o sobrenatural etc, com o esclarecimento de Nazário, fica mais fácil de entender a relação do expressionismo com o gótico nos filmes,

[...] criando e pintando os cenários, os fundos, as perspectivas, os grafismos nas paredes, nos intertítulos, nos cartazes de publicidade e nos placares afixados nas salas. Também os cenógrafos destacavam-se criando exteriores fantasmáticos, construindo casas tortas com fachadas vivas, ruas estreitas e sombrias como tentações e armadilhas; interiores distorcidos e fundos descambados, próprios para a pintura animada em que se convertia a cena [...]

e os magos da iluminação obtinham fortes contrastes para marcar uma personagem, realçar uma cena, emoldurar uma situação dramática [...] Os iluminadores recriavam em estúdio toda uma mascarada fantástica: manchas que deslizavam pelas paredes criando profundidades; focos direcionados que revelavam pouco a pouco elementos sinistros [...] (NAZÁRIO, 2002, p. 510).

Diante disso, o cinema expressionista é influenciado pelas arquiteturas, pinturas, com ambientes sombrios semelhantes ao pós-guerra, os cenários dos filmes tinham casas tortas, deformadas, escuras e assustadoras, gerando medo. Além disso, os filmes também possuíam nos cenários efeitos com luzes e sombras misturando o terror e o horror, como declara Sabadin:

Diante de tanta depressão, não foi por acaso que os filmes expressionistas alemães do pós-Primeira Guerra manifestaram-se com marcada estilização de cenografia, luzes e personagens. Deliberadamente artificiais, os cenários foram pintados de forma distorcida, fora de perspectiva. As angulações de câmera enfatizaram o fantástico e o grotesco, o contraste de luzes e sombras tornou-se mais forte, e as interpretações dos atores, teatralmente histriônicas. Em seus temas, estavam presentes loucuras, aberrações, pesadelos, enfim, o horror. O Expressionismo foi a forma alemã de ver o mundo destruído. (SABADIN, 2018, p. 71).

Sendo assim, toda fantasia criada nos filmes expressionista era conectada ao gótico e ao que restou dos acontecimentos do pós-guerra, tornando perceptível o expressionismo em muitos filmes, como, *A Morte Cansada* (1921) de Fritz Lang, *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920) de Robert Wiene, *O Golem- Como Veio ao Mundo* (1920) de Paul Wegener, Karl Boese etc. Foi através do expressionismo alemão que o gótico ganhou um êxito a mais no cinema e a até no século XXI os filmes com cenários góticos continuam se destacando e fazendo muito sucesso, são vários filmes que explanam o estilo gótico, como por exemplo: *Sombras da Noite* (2012) de Tim Burton, em especial *A Noiva Cadáver* (2005) também de Tim Burton, entre outros.

No filme *A Noiva Cadáver*, mostra o conjunto da arte literária gótica e do expressionismo, com toda sua estética e fantasia. Sendo perceptível nas características do expressionismo alemão o cenário distorcido do filme, como, casas distorcidas (figura 18), escadas e grades deformadas (figura 19). Além do contraste de luz e sombras que diferencia o mundo dos vivos do mundo dos mortos, com um clima escuro e tons de cinza e de azul, trazendo toda melancolia, tristeza e frieza que existe no mundo dos vivos, associando ao lado escuro e mau dos seres humanos, já no mundo dos mortos possui uma tonalidade clara, e colorida, representando a liberdade dos mortos em seu mundo. Em vista disso, todos os traços do expressionismo e do estilo gótico presente no filme, consegue resplandecer, juntamente com

alguns personagens góticos, o mistério, o sobrenatural que o gótico possui e toda a sensualidade e beleza da noiva cadáver que continua mesmo estando morta por meio da estética gótica.

Figura 18¹⁹ – Casas distorcidas.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

¹⁹ Sequência disponível em 00:25:59.

Figura 19²⁰ – Escadas e grades deformadas.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Na personagem Emily, é possível perceber as características marcantes no seu corpo que remete a uma espécie de assombração que causa medo e temor nos seres vivos. A maquiagem da noiva cadáver, foi feita pelos recursos da animação que mostra a marca em seu rosto que se remete ao seu assassinato, todo o seu corpo possui uma cor azul, por está morta há poucos anos, com um lado do corpo só o osso, devido ao processo de decomposição. Esses traços da personagem fazem ela se tornar uma criatura monstruosa, algo sobrenatural, até mesmo por ser um cadáver vestida de noiva. Apesar de Emily, ser uma personagem com um lado monstruosa e cadavérica com uma aparência de feiura e maldosa, ela também possui o lado humano e sensível com uma beleza incomparável e sedutora. Esses dois lados da personagem é o que demonstra a sua duplicidade que também faz parte da literatura gótica. Conforme é esclarecido por Menon:

O duplo é um dos temas recorrentes nos desmembramentos da ficção gótica, podendo ser lido em Edgar Allan Poe, no conto “William Wilson”, em O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde e, até, em Drácula, de Bram Stoker – isso apenas para citar as narrativas mais conhecidas. Física ou psicológica, a manifestação da duplicidade pode estar contida em uma única personagem ou projetada numa segunda, um outro que corresponda de forma antagônica a um primeiro. Uma das marcas impressas sobre o duplo é justamente esse antagonismo que pode se cristalizar sob o formato do belo/horrível, do

²⁰ Sequência disponível em 00:27:31.

bem/mal, do racional/selvagem, do equilibrado/louco, do casto/depravado. (MENON, 2007, p. 161).

O duplo de Emily, se revela quando ela aparece no mundo dos vivos, surgindo como um monstro assustador (figura 20), causando terror e suspense na floresta escura com apenas a luz da lua, com muitos corvos nas árvores.

Figura 20²¹ – Emily surgindo no mundo dos vivos como um monstro assustador.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Todo esse clima de medo causado no filme, ocorre devido a monstrosidade que está presente na personagem por ser um cadáver, que a torna sobrenatural, feia e mal, juntamente com o momento em que Emily, leva o seu noivo vivo para o mundo dos mortos, quase o obrigando a ficar com ela nesse mundo. Porém, assim que Emily, chega no mundo dos mortos junto com Victor, ela se mostra um ser doce (figura 21), vulnerável, triste e carente, com uma voz suave, acompanhada por seus amigos conselheiros que são uma larva e uma aranha, sendo também muito querida por todos os cadáveres que estão naquele mundo. Como Souza fala:

[...] a personagem não se comporta mais como um ser de mistério, ganha um ar meigo e carente, com olhar doce e que deseja muito seu noivo Victor. Essa virada é um indício de que sua natureza não é totalmente monstruosa, apresenta sensibilidade e valores, a partir desse momento a repulsa e o

²¹ Sequência disponível em 00:17:07.

arrepiante não remetem mais ao medo e se estabelece uma simpatia pela personagem. (SOUZA, 2012, p. 46).

Figura 21²² – Emily e o seu lado meigo.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

E assim, expondo todo o seu lado humano, sensível e do bem, demonstrando também sua beleza e sensualidade, apesar, de ser um cadáver com um lado do corpo em decomposição, sua beleza é nítida, com vento em seu cabelo longo, balançando e flutuando o seu véu, com olhos grandes e meigos e uma boca carnuda, o que a deixa misteriosa e atraente. Como podemos perceber na fala do informante da cidade que diz: “[...] Ouçam, ouçam, Victor Van Dort, foi visto essa noite na ponte, nos braços de uma mulher misteriosa, sedutora de cabelos negros, e mestre Van Dort, sumiu noite a dentro [...]”. (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:24:51). O que fica claro com essa fala que nem mesmo a morte conseguiu apagar a beleza de Emily, o que se relaciona com a musa, morta da estética gótica.

Portanto, o duplo que está presente em Emily, auxilia na sua identificação como personagem gótica, nessa narrativa cinematográfica. E assim, tanto ela, como vários outros personagens góticos possuem o duplo, principalmente com características que demonstram o lado sombrio e monstruoso. Como Cánepa diz:

²² Sequência disponível em 00:20:59.

Mas não eram apenas os psicopatas e os duplos demoníacos que povoavam a imaginação dos filmes expressionistas: o cinema alemão da época também se encarregou de dar ao mundo uma memorável galeria de monstros – figuras fisicamente deformadas e igualmente ameaçadoras. (CANEPA, 2006, p. 76).

Posto isto, é muito recorrente no cinema e na literatura gótica obter personagens que são monstros e assustadores, como por exemplo nos filmes: *O Lobisomem de Londres* (1935) de Stuart Walker, *A Múmia* (1932) de Karl Freund, que também mostram o sobrenatural. E na literatura: *O Médico e o Monstro* (1886) de Robert Louis Stevenson, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley, etc.

A melancolia que está em Emily, também se encontra no Victor e na Victoria. A Victoria, por ser uma personagem solitária e incompreendida pelos seus pais, ela sofre até com o uso das suas vestes muito apertada. É possível ver esse sofrimento dela na cena em que ela está vestindo o seu corpete obrigatoriamente de uma forma arrochada a ponto de tirar o ar (figura 22). Essas roupas coladas no corpo mudam e ficam largas e folgadas por causa da moda expressionista. Essa moda passa por uma transição do mais apertado para o mais folgado, como fala Oliveira (2002, p. 553), “[...] um corpo cujo delineamento é o de sua própria silhueta e não aqueles que os padrões vestimentares alteravam conferindo-lhe outra conformação. Livres de qualquer aprisionamento da parte superior pelos corpetes, espartilhos [...]”. E assim, as mulheres conseguem ficar tranquilas em suas roupas, sem a obrigação de andar ofegante. Já o Victor também sofre (figura 23), por não ter a compreensão dos seus pais e por ser atrapalhado. Diante disso, toda melancolia existente no mundo dos vivos juntamente com o sombrio torna esse mundo gótico.

Figura 22²³ – Victoria com semblante melancólico.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 23²⁴ – A melancolia na face de Victor.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

²³ Sequência disponível em 00:04:55.

²⁴ Sequência disponível em 00:05:29.

Sendo assim, o cenário do filme está dentro do estilo gótico, um estilo que para muitos é assustador, horripilante e para outros é encantador. Mesmo sendo uma obra fílmica gótica, não é assustadora, pois Tim Burton, também utiliza a comédia e a emoção fazendo uma junção com o gótico no romance. E assim, essa obra quebra toda visão negativa que existe em relação aos mortos e ao seu mundo, revelando uma dualidade e oposição entre o mundo dos mortos com toda sua alegria e diversão, e o mundo dos vivos com sua ganância e melancolia, mostrando a importância do perdão e da libertação. Tudo isso dentro da arte literária gótica, usando a fantasia e a estética.

4. EMILY NO MUNDO DOS VIVOS

Quando olho minha sombra
É como se me visse
Pelo avesso

Pois sou escuridão
(Da mais negra)
(COOPER, 2011, p. 276).

4.1. A libertação

Se libertar é o mesmo que perdoar, deixando o passado para seguir em frente, sem rancor no coração, vivendo o presente, independente de estar vivo ou morto. Por isso “ao escolher o perdão, renunciamos ao passado para curar o presente” (LUSKIN, 2007, p.87).

Segundo Thompson e colaboradores (apud SNYDER, LOPEZ, 2009, p.253), o perdão é “uma libertação de um vínculo negativo com a fonte que transgrediu contra a pessoa”, ou seja, o perdão é a libertação de algo que nos deixa preso negativamente, seja através de uma pessoa, de si próprio ou de uma situação incontrolável. E é por meio do perdão que se consegue obter uma satisfação em viver e seguir o seu destino de forma livre e leve.

Para Snyder, Lopez o perdão está envolto com algumas questões como:

1. transformação cognitivo-afetiva a partir de uma transgressão na qual;
2. a vítima faz uma avaliação realista do prejuízo causado e reconhece a responsabilidade do autor, mas;
3. escolhe livremente ‘cancelar a dívida’, abrindo mão da necessidade de vingança ou punições merecidas e de qualquer busca de compensação. Esse ‘cancelamento’ da dívida também envolve;
4. um ‘cancelamento das emoções negativas’ diretamente relacionadas à transgressão. Especificamente, ao perdoar, a vítima supera seus sentimentos de ressentimento e raiva em função da atitude. Resumindo, por meio do perdão, o indivíduo prejudicado;
5. essencialmente se retira do papel de vítima (SNYDER, LOPEZ, 2009, p. 254).

Todas essas questões envolvidas no perdão é o que realmente tira o indivíduo do papel de vítima e desenvolve o seu bem-estar novamente, com a sensação de libertação. Dessa forma “o benefício mais importante do perdão é a afirmação de que não somos vítimas do passado” (LUSKIN, 2007, p. 97).

Perdoar não é esquecer e sim lembrar sem odiar e sem sede de vingança. O perdão traz a “única estratégia viável para uma releitura do passado” (SELIGMAN, 2004, p. 95), que não

pode ser mudado, mas possibilita a saída do deserto emocional e promove a cura pessoal dos sentimentos. Como Luskin fala que “[...] O aprendizado do perdão é um fato que ajudará todos aqueles afetados pela violência a viverem suas vidas com serenidade e com o máximo de bem-estar possível” (LUSKIN, 2007, p. 7).

Sendo assim, só o perdão consegue proporcionar a libertação de um passado que não foi nada agradável e de um sentimento ruim que restou. Porém, quando o indivíduo se recusa a perdoar, o culpado não será afetado e sim o próprio ser que negou o perdão, por não conseguir se libertar da mágoa do passado. Conforme declara Seligman “não perdando, você não atinge o culpado, mas perdando, você se liberta” (SELIGMAN, 2004, p. 96).

No filme *A Noiva Cadáver*, é possível perceber a importância da libertação de um sentimento de uma pessoa, deixando claro a diferença de prisão para a liberdade de um sentimento desagradável que existe dentro de um ser humano. Como se apresenta no filme a personagem Emily, uma bela noiva que foi enganada e teve suas joias roubadas, sendo brutalmente assassinada de forma injusta e inesperada, o que era a realização de um sonho (figura 24), se transformou em uma tragédia (figura 25).

Figura 24²⁵ – Sombras demonstrando a realização de um sonho.



Fonte: Imagem tirada do filme *A Noiva Cadáver* (2005).

²⁵ Sequência disponível em 00:21:26.

Figura 25²⁶ – Sombras demonstrando o seu assassinato inesperado.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

A morte trágica de Emily, é contada no filme através de uma música por um esqueleto, que diz o seguinte:

Ei, caros defuntos a sua atenção
 Ou quem de vocês tiver audição
 Vou contar a história melancólica demais
 De uma noiva cadáver sedenta de paz
 [...]
 A nossa garota era mesmo um pitel
 Mas um dia encontrou um sujeito cruel
 Ele era bonito, mas sem um tostão
 E a pobre garota gamou no vilão
 O Papai disse: Não! Ela não quis ouvir
 E então os pombinhos tramaram fugir
 [...]
 Eles então combinaram de se encontrar
 No meio da noite o segredo guardar
 O vestido da mamãe serviu muito bem
 Quem tem amor não precisa de bens
 Exceto umas coisas, por precaução
 Como as joias da casa, um anel de um milhão
 Junto ao cemitério, sob o flamboaiã
 Um nevoeiro escuro, as três da manhã
 Ela pronta pra ir, mas e o galã? (e então?)
 Ela esperou (e então?)

²⁶ Sequência disponível em 00:23:16.

No meio das sombras, seria o rapaz? (e então?)
 O coração batendo! (e então?)
 E então, queridos tudo ficou escuro
 Quando ela abriu os olhinhos, tava morta, então
 As joias roubadas, que desilusão
 A moça jurou que iria esperar
 Por um amor verdadeiro, que a viesse livrar
 Sempre assim esperando, seguia-se em paz
 Até que chegou o distinto rapaz
 Juntou -se a ela e a história real
 Da noiva cadáver chegou ao final
 [...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:20:47).

A música revela como a noiva se tornou um cadáver. Uma história triste e uma morte repentina, o que a deixou com sede de paz, por ter morrido sem ter realizado o seu sonho e ter que seguir a eternidade sozinha, sem ter um parceiro para acompanhá-la. Então Emily, chega no mundo dos mortos e fica esperando por um amor que possa tirá-la da solidão, casando-se com ela e devolvendo a satisfação da realização do seu sonho.

Apesar de Emily está no mundo dos mortos, com essa pendência para ser resolvida, mesmo sendo um mundo divertido, alegre e colorido, para ela estava tudo escuro, por continuar presa em um sentimento, um sonho que virou uma obsessão por não conseguir realizá-lo em vida. Pois quando Victor pede Emily em casamento por engano, ela se sente liberta, por saber que agora tem um marido e consegue enxergar a luz que antes ela não via (figura 26). Quando eles voltam para o mundo dos vivos, Emily deixa bem claro que estava na escuridão, “Eu passei tanto tempo na escuridão, que quase havia me esquecido de como é linda a luz do luar”. (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:33:37). Dessa forma, o pedido do casamento do Victor, ocasionou para ela um livramento da culpa de não ter realizado o seu casamento e a sua espera ter sido finalizada.

Figura 26²⁷ – Emily vendo novamente a luz do luar.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Emily pensa que está casada com Victor e que agora nada vai impedir a sua felicidade, mas o grande empecilho é ela está morta e o Victor está vivo. Ele é carne e ela é vapor, a morte já os separou. Além disso, o Victor é apaixonado por Victoria, como veremos no diálogo:

[...]

- Victoria, eu confesso, hoje de manhã, eu estava morrendo de medo de me casar, mas depois que a conheci, eu senti que devia ficar com você para sempre e eu não vejo a hora do nosso casamento acontecer.

- Victor, eu sinto o mesmo!

[...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:37:15).

Saber disso, deixa Emily ainda mais triste, pois o amor que ela sente por ele não será correspondido. Entretanto, mesmo estando morta, os sentimentos de Emily estão vivos, o seu coração não bate, mas continua dilacerado (figura 27). Conforme podemos observar na conversa de Emily com seus amigos conselheiros, a aranha e a larva, e logo em seguida na música.

²⁷ Sequência disponível em 00:33:42.

Figura 27²⁸ – Emily com o coração dilacerado.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Conversa:

- Por que tão triste?
 - Talvez ele tenha razão, talvez sejamos diferentes de mais.
 - Talvez ele precise examinar a cabeça, eu posso fazer isso!
 - Talvez ele deva ficar com ela, a senhorita vivinha, com as bochechas rosadas e o coração pulsante.
 - Garotas assim, você encontra fácil, você tem muito mais do que ela. Você tem, você tem, uma personalidade maravilhosa!
- (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:40:20).

Música:

Diga o que a fulaninha tem que você não tem em dobro?
 O que poderia teu sorriso superar?
 E que tal um pulso?
 Não se pode comparar!
 Dispensável! Trivial
 Ele ainda te conhece tão mal!

E se a boba aliança não usar, não me espanta!
 Ela não toca piano, nem dança, nem canta! Não tem nada para mostrar!
 Tem pulmões com ar!
 E Daí? Não é nada!
 Dispensável! Trivial!

²⁸ Sequência disponível em 00:43:14.

Se ele ao menos reparasse teu jeito especial
 Ele ainda te conhece tão mal!
 Quando toco a vela acesa, falta seu calor!
 Se me corto com a faca, não há dor!
 É verdade que ela vive
 E que a morte em mim está!
 Mas não deixo de sofrer!
 Não demora vai se ver
 No meu rosto alguma lágrima a rolar!
 A única finura daquela criatura é viva estar!
 Dispensável! Trivial!
 Já sabemos que isso é algo circunstancial
 Que se acaba, de repente, sem nenhum sinal!

E daí? Não importa!
 Dispensável! Trivial!
 Se ele ao menos reparasse teu jeito especial
 Ele ainda te conhece tão mal!

Quando toco a vela acesa, eu não sinto dor!
 Tanto faz se estou no frio ou no calor!
 O meu coração não bate
 Mas ainda assim, se parte
 E não deixa de sofrer
 Recusando se render!
 A morte em mim está!
 Mas ainda tenho lágrimas pra dar!
 (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:40:55).

A tristeza de Emily é nítida, ela não sente dor no corpo porque está morta, mas sente dor na alma, por estar presa ao sentimento do passado.

Emily acredita que só será feliz, se tiver ao lado um companheiro e que agora o Victor é seu par perfeito. Porém o casamento dela com o Victor não é conveniente, pois os votos do casamento só são válidos até que a morte os separe e nesse caso eles já estão separados por ela. Mas para esse casamento ser validado é necessário que o Victor, faça o pedido novamente no mundo dos vivos e logo após morra, para ser o legítimo marido dela. Como é esclarecido no diálogo, com o velho Gutknecht, Emily, larva e o Victor:

- Minha querida, temos que conversar!
- Deixe-me dizer a ela, por favor deixe-me dizer a ela (risos)
- O quê?
- Uma complicação no seu casamento.
- Mas eu não entendo!
- Os votos são válidos somente até que a morte os separe.
- O que está dizendo?
- E a morte já separou vocês!
- Se ele descobrir vai embora, há alguma coisa que possa fazer?
- Bom, existe um jeito

- Por favor, deixe-me contar para ela
 - Mas exige um imenso sacrifício
 - Vamos lá, diga logo a melhor parte
 - E qual é?
 - Nós temos que matá-lo!
 - O quê?
 - Victor, teria que abrir mão da vida que ele tem para sempre, ele teria que lhe pedir seus votos no mundo dos vivos e beber do vinho dos tempos.
 - Veneno!
 - Isso faria o coração dele parar, para sempre e só então, estaria livre para dá-lo a você.
 - Eu nunca pediria isso a ele!
 - Não precisa pedir! Eu farei isso!
 - Meu filho, se escolher esse caminho, não poderá mais voltar para o mundo lá de cima, você entende?
 - Eu entendo!
- (NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em:00:55:26).

Após o Victor ter aceito morrer para o seu casamento com Emily ser legitimado, o coração dela fica repleto de alegria, pois finalmente ela vai se casar. Mas o Victor só aceitou morrer para se casar com ela, porque ele foi informado pelo seu motorista que tinha acabado de morrer, que Victoria se casaria com Lord Barkis, e por isso a vida dele não fazia mais sentido. Diante disso o casamento foi anunciado no mundo dos mortos e todos os cadáveres foram convidados para celebrar o casório no mundo dos vivos. E o grande sonho de Emily se tornará realidade, como é contado na música:

[...]
 Casar! Casar!
 Teremos um casório! Hey, casório, hey.
 Chegou o grande dia
 A noiva poderá se casar! Hey
 Vamos escoltá-la
 Garantir a proteção
 Daquela que merece toda a consideração
 A noiva cadavérica do nosso coração

Casar! casar!
 É hoje que ela vai se casar!
 - Olha só!
 - Lá vem ela!
 Ah, ah, a noiva chegou
 É hoje o dia que tanto esperou
 O seu grande sonho vai realizar
 A noiva chegou, linda está

[...]

Queremos que dure pra sempre este dia
 Que seja repleto de grande alegria.

Que seja perfeito, como ela sonhou,
Tão linda está, está pra se casar.

Teremos uma festa
Grandiosa, triunfal
Os vivos lá em cima
Nunca viram nada igual.
A noiva irá lá em cima
Pra se casar!

Lá vem a noiva
Em seu glorioso dia
Até os vivos subamos
Pra celebrar!

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:58:25).

Ao chegarem no mundo dos vivos, já dentro da igreja e o Victor declarando os seus votos, Emily vê Victoria e percebe que o casamento dela com Victor é um erro, pois para ela realizar o seu sonho ela vai destruir o sonho de outra pessoa, que seria o mesmo que fizeram com ela. Assim como Emily, Victoria também sempre sonhou em se casar e viver com o seu grande amor. Veremos isso na fala de Victoria com Victor:

[...]

- Desde criança, sonho com o dia do meu casamento, sempre quis encontrar alguém por quem me apaixonasse perdidamente, alguém para passar o resto da vida comigo, tolice, não é?

- É! Tolicice? Hum, não, não, de jeito nenhum, não!

[...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:10:05)

Quando Emily percebe que o seu casamento com Victor não é adequado, ela logo fala para o Victor:

[...]

- Eu não posso!

- Por que não?

- Está errado! Eu era noiva, meus sonhos foram roubados de mim e agora eu roubei os sonhos de outra pessoa, eu amo você, Victor! Mas você não é meu!

[...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 01:07:00)

Com esse diálogo, fica explícito que Emily desistiu do seu sonho para que Victor e Victoria fossem felizes. Emily entendeu que o sentimento que ela tanto guardou só fez mal para ela mesma, durante todo esse tempo de espera. A obsessão pelo casamento e toda sua mágoa e rancor que estavam dentro do seu coração, por não ter realizado o seu sonho, só adoecia a sua

alma e foi através do Victor que ela conseguiu se libertar. Vejamos isso na conversa de Emily com Victor:

[...]

- Espere, eu fiz uma promessa!

- Você manteve a sua palavra! Você me libertou! Agora posso fazer o mesmo por você.

(NOIVA CADAVER,2005, sequência disponível em 01:11:29).

Victor, ajudou Emily a se libertar, por ter prometido que morreria para se casar com ela e fazer o sonho dela se tornar real, mas Emily descobre que para ser feliz, a Victoria seria infeliz e isso ocasionaria um grande fardo para ela carregar.

A libertação da noiva cadáver por meio do Victor, já estava sintetizada no início do filme, na cena em que o Victor solta a borboleta e ela voa livremente por toda cidade (figura 28). Pois a borboleta simboliza a mulher que se refletiu em Emily. Falaremos disso, ainda nesse subcapítulo, logo mais na frente.

Figura 28²⁹ – Victor Libertando a borboleta.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

²⁹ Sequência disponível em 00:00:57.

Emily após ter se reencontrado com o Lord Barkis, ela falou para todos os convidados da festa que foi ele quem a matou. Quando ela fala:

[...]

- Você?

- Emily?

- Você!

- Mas, mas, eu deixei você!

- Morta!

- Está mulher, estar tendo alucinações!

[...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 01:08:12).

Lord Barkis, além de ter assassinado Emily, ainda zombou dela. Conforme veremos na conversa a seguir:

[...]

- Vá, embora!

- Ah, já estou indo! (risos). Mas antes, um brinde a Emily, sempre a dama de honra, nunca noiva! Diga-me, minha cara, o coração ainda se desilude depois que ele para de bater? (risos)

[...]

(NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em:01:09:55).

Logo após a zombaria, Lord Barkis bebe o veneno pensando que era vinho, esse veneno estava destinado para o Victor, que tomaria para morrer e ficar com Emily, depois do casamento. E assim que Lord Barkis ingeriu o veneno, imediatamente já estava morto (figura 29), e todos os cadáveres se vingaram dele.

Figura 29³⁰ – Os mortos vingando-se de Lord Barkis.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Emily, se sentiu vingada, mas essa não era a sua intenção. O único desejo dela era realizar o sonho de se casar e de preferência com alguém que a amasse de verdade. Porém Emily, compreendeu que estava morta e seu destino não era mais o casamento, e sim evoluir, sair do mundo dos mortos para a eternidade.

Sendo assim, Emily joga o buquê de flores, se desfazendo desse sonho (figura 30) e Victoria, pega para realizá-lo (figura 31). Ao se desfazer do sonho, e do sentimento de frustração, por não ter se casado, ela se sente feliz, liberta e realizada, segue plena (figura 32), e se transforma em várias borboletas (figura 33), voando para o céu diante da luz da lua (figura 34).

³⁰ Sequência disponível em 01:11:03.

Figura 30³¹ – Emily se desfazendo do sonho.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 31³² – Victoria com o buquê para realizar o seu sonho.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

³¹ Sequência disponível em 01:12:25.

³² Sequência disponível em 01:12:40.

Figura 32³³ – Emily feliz.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 33³⁴ – Emily se transformou em borboleta.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

³³ Sequência disponível em 01:12:51.

³⁴ Sequência disponível em 01:12:58.

Figura 34³⁵ – Emily se libertou e voou para o céu.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

No filme sempre teve a presença de uma borboleta (figura 35), do início ao fim, com a cor azul, essa borboleta representa a esperança, a felicidade, e a liberdade, que significa transformação, mudança e renovação. Como se refletiu na personagem Emily, a noiva cadáver.

³⁵ Sequência disponível em 01:13:13.

Figura 35³⁶ – A borboleta presente no filme.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Por isso, de acordo com Lexikon a borboleta é o que simboliza a mulher, a morte e a alma, como ele fala:

Borboleta - Devido a sua leveza e a sua beleza multicolor, é o símbolo da mulher, no Japão; duas borboletas simbolizam a felicidade matrimonial. O significado simbólico essencial da borboleta baseia-se, contudo, em sua metamorfose, de ovo para lagarta e de crisálida, presa à rigidez da morte, para inseto alado com cores brilhantes e voltado para a luz do sol. Por isso, na Antiguidade ela já era um símbolo da alma (em grego, “psyché”), pelo fato de não se extinguir após a morte física; em épocas posteriores, no entanto, acentuou-se bem mais a graça, o vôo errante e volúvel da borboleta, e seu relacionamento com Eros, o deus do amor. No simbolismo cristão, a borboleta simboliza, por um lado, a ressurreição e a imortalidade; por outro, a vaidade vazia e a futilidade, devido a sua vida curta e a sua beleza passageira. Na interpretação psicanalítica dos sonhos, a borboleta aparece muitas vezes como símbolo da libertação e de um novo começo. [...] (LEXIKON, 1998, p. 37 a 38).

Posto isto, quando Emily, estava presa no sentimento de mágoa, simbolicamente ela estava dentro do casulo e ao se libertar desse sentimento, ela se transforma em borboletas, livres para voar. Dessa maneira, Emily, cumpre toda a sua jornada espiritual no mundo dos vivos, resolvendo sua pendência que era necessária para a evolução da sua alma. Pendência essa que

³⁶ Sequência disponível em 00:33:47.

a deixava presa no mundo dos vivos pelo sentimento de tristeza, abandono, rejeição e frustração de não ter realizado o sonho de se casar em vida e o medo de não encontrar um amor verdadeiro para enfrentar a morte e seguir para a eternidade junto com ela. E só depois da resolução, que foi por meio da sua libertação, que ocasionou a desistência da sua obsessão em realizar um casamento, que instantaneamente opera uma limpeza espiritual de todos os sentimentos ruins que destrói o seu coração. E assim, consegue livrar-se da escuridão e seguir para a luz celeste.

Toda a história da noiva cadáver contada no filme, apesar de melancólica, evidencia que o perdão é indispensável, para nos libertar dos sentimentos negativos do passado e obter a satisfação do presente. O perdão é necessário para ocasionar a mudança e a elevação da alma, possibilitando um bem-estar maior na mente, no corpo e no espírito. Assim como afirma Seligman (2004, p. 177):

O perdão representa uma série de mudanças benéficas que ocorrem dentro de um indivíduo que foi ofendido ou magoado. Com perdão, as tendências ou motivações básicas em relação ao transgressor tornam-se mais positivas (benevolentes, afáveis ou generosas) e menos negativas (vingativas ou separadoras).

Em vista disso, o perdão é a libertação dos malefícios que ficam no nosso coração, causado por emoções desfavoráveis, que aos poucos nos destroem por dentro, criando um vazio que se torna impossível de ser preenchido. Segundo Seligman (2004, p.101), “[...] aprender a perdoar antigas ofensas dissipa a tristeza que torna impossível a satisfação.” É através do perdão que é possível sentir a emoção positiva novamente e a sensação agradável de leveza na alma.

Sendo assim, o perdão é o remédio essencial para curar as feridas que são difíceis de cicatrizar. É através dele que ocorre a libertação dos sentimentos que apodrecem a alma, como, o ódio, a raiva, a tristeza, o rancor, o desgosto, entre outros. Por isso, a libertação dos sentimentos ruins é fundamental para o avanço que a alma, o psicológico e o corpo necessitam para seguir em frente, seja no mundo dos vivos ou no mundo dos mortos.

4.2. O mundo dos vivos pode ser entediante?

O mundo dos vivos é um mundo oposto ao mundo dos mortos. Um mundo que tem tudo para ser divertido, mas que na verdade é um mundo totalmente escuro, frio e melancólico. Por isso para a literatura, esse mundo real já não é tão interessante não traz mais satisfação e sim decepção. Como enfatiza Perrone-Moisés (1990, p. 103-104),

O que torna o real de nosso momento histórico mais agudamente insatisfatório é a maior complexidade de dados de que dispomos, aumentando nossa capacidade de conhecer e, paradoxalmente, impedindo-nos de chegar a uma visão de conjunto. O que há, e já houve em doses mais confortadoras para o homem, são modos de reagir à insatisfação que o mundo nos causa: pela religião, aceitando os desígnios da providência e remetendo o mundo sem falhas para o além-morte; pela ação social, desde aquelas integradas num vasto projeto político até as isoladas, que se aplicam a fazer pequenos consertos no real; pela imaginação, pelo faz-de-conta, que nos compensa, por alguns momentos, da insatisfação causada pelo real.

Só a fantasia da literatura para trazer vida a um mundo real morto de sentimento, emoção e significado. Apenas a literatura por ser vasta é que consegue enxergar a beleza onde ninguém mais ver, como a beleza da morte. E é através dessa visão que a literatura mostra o verdadeiro sentido da existência humana. No entanto, para o mundo dos seres vivos se deparar com a morte é algo horrível, assustador e isso faz com que eles neguem e fujam da morte. Como Muniz fala:

Esquecemos de refletir sobre a vida e negamos a morte, talvez seja por isso que sofremos tanto. [...]. Dessa forma, cultura é a capacidade humana de ultrapassar os dados imediatos da experiência e dotá-la de um sentido novo trazido pela reflexão e pela escrita/leitura, ou seja, tratam-se de obras do pensamento. (MUNIZ, 2006, p. 160).

Mesmo sabendo que a morte é inevitável os seres humanos insistem em adiá-la, mas quando não é possível evitar, tratam como um processo que não tem valor. “[...] Pela dinâmica da sociedade capitalista, que entende o morto como um ser não produtivo e os vivos com ser que quer tem tempo para expressar seus sentimentos e sepultar seus mortos. [...]” (MUNIZ, 2006, p. 160). Dessa forma, o mundo dos vivos se torna frio e vazio por não conter comoções e está cheio de ganancias.

De acordo com o devido esvaziamento de emoções do mundo dos vivos e o preenchimento da cobiça, Bion (apud Lamanno-Adamo) esclarece:

Essa clivagem, forçada por penúria e medo da morte por inanição de um lado, e por amor e medo de inveja assassina e ódio de outro lado, produz um estado mental no qual o paciente persegue avidamente toda forma de conforto; ele é a um só tempo insaciável e implacável em sua busca de satisfação. Como esse estado se originou numa necessidade de se livrar das complicações emocionais ligadas à consciência da vida e da relação com objetos vivos, o paciente parece ser incapaz de gratidão ou solicitude, tanto consigo próprio quanto para os outros. Esse estado envolve destruição de seu interesse pela verdade. Uma vez que esses mecanismos fracassam em livrar o paciente de seu sofrimento, que, segundo sente, se deve à falta de alguma coisa, sua busca por uma cura toma a forma de uma procura pelo objeto perdido e acaba por aumentar sua dependência de conforto material; a consideração que o governa tem que ser

quantidade, e não qualidade. (BION, 1962, p. 31, apud LAMANNO-ADAMO, 2017, p. 83).

Diante disso, o tédio e o caos tomam conta desse mundo real, apenas existente, em que a morte está mais presente e a vida cada vez mais ausente. Segundo Svendsen (2006, p. 96),

Numa cultura determinada por pura funcionalidade e eficiência, o tédio dominará, porque a qualidade do mundo desaparece na pantransparência, na visibilidade extrema que tudo engloba. Numa cultura assim, experimentos com sexo e drogas – ou fugas para o nevoeiro de uma nova religião – parecerão tentadores, porque parecem oferecer uma maneira de escapar de uma vida cotidiana penosamente entediante e de descobrir novos horizontes bem mais excitantes. O triste é que esses excessos nunca conseguem satisfazer o anseio de que se originam.

Por mais que os seres humanos tentem preencher o vazio com coisas materiais que para eles são extremamente valiosas, não conseguem porque é através do sentimento, da experiência emocional que dá sentido à vida e não o exagero do apego ao material que os transforma em seres insignificantes.

O tédio, o sofrimento e solidão é a consequência da ambição humana. Por isso o mundo dos vivos, além do tédio possui indivíduos medrosos, assustados, perturbados, ansiosos, violentos etc. Eles existem no mundo só para competir com os outros e humilhar os que são vistos como inferiores, relacionado ao status que carregam.

Toda essa existência caótica presente no mundo dos vivos também se encontra no filme *A Noiva cadáver*. O mundo dos vivos no filme, revela toda ganância da humanidade. Como podemos observar na música feita para expor o casamento arranjado de Victor e Victoria:

[...]
 De acordo com o plano
 Nosso filho se casará
 De acordo com o plano
 E a família será
 Elevada ao status de classe “A”
 Aos salões reais
 E às catedrais
 Reuniões com a nobreza
 É chá das cinco com sua alteza
 Para ser vistos e ver
 Maiores vamos ser
 Na elite viver
 E o passado esquecer
 [...]
 Os negócios vão de mal a pior
 E agora esse grande tormento

Vamos ser forçados a pagar esse mico?
 Casar a nossa filha
 Com um novo rico
 Tão comuns, insossos
 É o fundo do poço
 Fundo do poço?
 Eu lamento discorda
 Podiam ser falidos
 Nobres de museu
 Sem um centavo pra gastar
 Como você e eu
 [...]

De acordo com o plano
 Vai ter de casar
 De acordo com o plano
 Para nos levantar
 Da pobreza e da ruína totais
 E poder honrar
 Nossos ancestrais
 Quem diria então? Como imaginar?
 Nossa filha e seu carão
 De uma lontra sem ação
 Poderia ser a nossa salvação
 [...]

Casamento é parceria
 Um toma-la dá cá
 A vida inteira ela nos observou
 E, como nós fará, como nós fará
 Tudo deve ser perfeito
 [...]

(A NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:02:52).

Essa música deixa bem claro o interesse dos pais de Victor e dos pais de Victoria, um tentando se dar bem as custas do outro. O que é comum na sociedade burguesa, não se importar com os sentimentos, apenas com o status. Observe no diálogo com Victoria e seus pais:

[...]

- E se o Victor e eu não gostarmos um do outro?

- Ah, como se isso tivesse a ver com o casamento! Você acha que eu e seu pai gostamos um do outro?

- Claro que gostam! um pouco.

- É claro que não!

[...]

(A NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 00:04:52).

Isso também acontece com Lord Barkis, que procura se casar com belas moças, apenas pelo dote. E logo após o casamento planeja matá-las e ficar com o dinheiro, como ele fez com Emily e quase repetia o mesmo processo com Victoria. Veremos no diálogo abaixo, entre Lord Barkis e Victoria:

- [...] Vamos pegar todo dinheiro possível e vamos embora!
- Dinheiro! Que dinheiro?
- Seu dote! Eu tenho direito!
- Mas meus pais não tem dinheiro, é o meu casamento com o senhor que vai salvá-los da pobreza!
- Da pobreza? Está mentindo! Não é verdade! Diga que está mentindo!
- As coisas não saíram de acordo com seu plano Lord Barkis? Talvez em decepções nós sejamos um casal perfeito! (A NOIVA CADAVER, 2005, sequência disponível em 01:03:53).

Com essa fala fica claro o interesse do Lord Barkis no dote da Victoria sem nenhum sentimento, apenas com a intenção de roubar e matar. Assim como Emily, que foi a vítima desse ser ganancioso que troca os sentimentos por coisas materiais, sendo capaz de matar para obter a riqueza desejada. E dessa maneira, Emily perdeu sua vida, que para o Lord Barkis, não tinha nenhum valor, apenas as joias dela, se satisfazendo com toda a fortuna roubada, cobrindo o seu vazio e aliviando o seu tédio, com coisas que logo terão um fim e ele voltará a procurar por mais, tentando se preencher de algo que nunca estará satisfeito por completo, pois ao morrer ele não pode levar sua coleção de joias, apenas os aprendizados e os sentimentos guardados. E Emily, mesmo estando morta continua com um sentimento que a torna mais viva do que alguns vivos.

O filme mostra todo o interesse da sociedade em se dar bem, custe o que custar, revelando o lado ganancioso e sem nenhum afeto do ser humano. Nessa ficção, o mundo dos vivos transparece toda a realidade, através da fantasia literária gótica. O filme apresenta o mundo dos vivos de forma escura, com um tom acinzentado e azulado (figura 36), para simbolizar a melancolia e todo o tédio que está presente na existência humana. A falta de cores representa a ausência de vida na face dos personagens, com aparência depressivas e esgotadas (figura 37), mas, nunca saciadas, por correrem atrás da riqueza material, buscando se preencher do que já é vazio e findável.

Figura 36³⁷ – Mundo dos vivos melancólico.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

Figura 37³⁸ – Personagens com aparência de sofrimento.



Fonte: Imagem tirada do filme A Noiva Cadáver (2005).

³⁷ Sequência disponível em 00:02:21.

³⁸ Sequência disponível em 01:00:27.

Respondendo essa pergunta: O mundo dos vivos pode ser entediante? Bem, esse capítulo já responde essa pergunta implicitamente, mas respondendo de forma explícita e sucinta, a resposta é sim, porque o mundo dos vivos está cheio de pessoas gananciosas, soberbas, ambiciosas, orgulhosas, avarentas, mesquinhas e totalmente ausente de sentimentos e emoções, que se referem a morte como uma anulação da vida. Esse mundo dos vivos é melancólico, rancoroso, caótico e tedioso. “Um mundo que se tornou totalmente objetivado e desprovido de todas as qualidades não pode ser senão entediante” (SVENDSEN, 2006, p. 89).

Sendo assim, viver em um mundo sem sentimento é morrer mesmo estando vivo. O sentimento é a razão da existência, sem ele o mundo desfalece e depois falece. Como diz Negraes (1972, p. 17), “A vida consistia em viver morrendo, enquanto a morte era, para a alma, a porta da liberdade”. Desse modo, a morte é algo libertador e não uma aniquilação, por não carregar mais o fardo que a vida traz. “É fundamental entendermos e aceitarmos a finitude da vida, não como um obstáculo, mas como um catalisador, um estímulo para vivermos senão mais, então que seja melhor, intensamente apreciando cada segundo” (MUNIZ, 2006, p. 167).

A morte é apenas um aviso da importância da vida. Viver é para quem sabe apreciar os pequenos prazeres da vida nos mínimos detalhes e não para quem coleciona bens materiais findáveis. Viver é diferente de existir e a existência dos indivíduos soberbos atua em fugir da morte e carregá-la dentro de si, se transformando em um ser tedioso e dando espaço para a morte da significação e da existência do ser humano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, foi constatado que sucedia uma hesitação sobre o que mantém Emily presa no mundo dos vivos, no filme *A Noiva Cadáver* (2005). Dessa maneira, compreendemos a relevância em averiguar a construção da personagem, para enriquecer os conhecimentos cinematográficos de uma personagem no cinema, revelando a devida importância da literatura e o seu personagem para o melhoramento do cinema, através da relação existente entre a literatura e o cinema mostrando assim o devido valor para a arte, a ciência e a cultura. Por intermédio da obra fílmica de Burton, que criou a personagem Emily com as propriedades do gótico e o duplo, complementando com as semelhanças e diferenças da Noiva Cadáver da lenda.

Diante disso, o objetivo dessa pesquisa era analisar a construção da personagem Emily, procurando entender qual a origem que a impede de se libertar do mundo dos vivos, no filme *A Noiva Cadáver* (2005) de Tim Burton. Constata-se que efetivamente o objetivo foi atendido. De modo que, realmente descobrimos o que originou a continuação dela no mundo dos vivos, fazendo uma oscilação do mundo dos mortos para o mundo dos vivos, devido um sentimento guardado de melancolia.

No segundo capítulo o objetivo era descrever a construção da personagem Emily. É perceptível que conseguimos concluir, porque revelamos que *A Noiva Cadáver* da lenda possui semelhanças com Emily *A Noiva Cadáver* do filme e claramente as diferenças entre ambas, pois a personagem cinematográfica foi construída pela inspiração que Tim Burton teve através da lenda.

No terceiro capítulo o objetivo era analisar a personagem morta, envolvendo o mundo dos mortos e o lado sombrio, monstruoso que a personagem possui, mostrando também a beleza e sensualidade que continuou em Emily. Percebe-se que conseguimos finalizar, pois mostramos como é o mundo dos mortos na obra fílmica, como ela consegue fazer a passagem para o mundo dos vivos e mostramos também a duplicidade que revela o lado monstruoso e o sensível de Emily, que está dentro dos aspectos do gótico juntamente com a beleza e sensualidade que envolve a estética gótica e a transforma em uma personagem gótica.

No quarto capítulo o objetivo era investigar Emily no mundo dos vivos, identificando o motivo que a prende nesse mundo, como ocorreu a libertação dela, mostrar como é o mundo dos vivos no filme e responder à pergunta: o mundo dos vivos pode ser entediante? Observa-se que conseguimos atender essa meta, porque apresentamos o que ocasionou a continuação de Emily no mundo dos vivos, o trajeto da sua libertação e o quanto é importante se libertar e

mostramos como é o mundo dos vivos na obra cinematográfica, também respondemos a pergunta: o mundo dos vivos pode ser entediante? De acordo com a base teórica, a resposta é sim.

Este estudo surgiu a partir da hipótese de que Emily, uma personagem sem vida se relaciona com o mundo dos vivos devido alguma pendência. Durante a pesquisa no capítulo quatro, verificou-se que existe a pendência e se confirmou qual é a pendência. Então a hipótese está confirmada. De modo que, para uma morta se manter no mundo no qual não pertence mais, só através de uma pendência que era de não ter realizado o sonho tão esperado de casar-se, gerando assim um sentimento que destruía o coração dela mesmo sem bater.

O problema da pesquisa era: como essa personagem morta se relaciona com o mundo dos vivos no filme de Tim Burton? Conseguimos alcançar essa intenção, uma vez que, chegamos na resposta no subcapítulo 4.1 a libertação: um sentimento de melancolia que estava presente em Emily, por não ter realizado o sonho de casar-se, um sonho destruído de forma trágica e inesperada. E assim, mesmo morta, continuou no mundo dos vivos na espera de um dia encontrar um amor verdadeiro que pudesse realizá-lo.

Foi através de um estudo de caráter bibliográfico e qualitativo que a metodologia foi feita. Com a importância de salientar o auxílio de muitos pesquisadores mencionados nessa pesquisa. Contribuindo assim, para os assuntos descritos e para os resultados obtidos.

Evidenciando, que os argumentos que foram apresentados aqui, não podem ser considerados como respostas determinantes, mas sim como resultados baseadas na teoria e na ciência de outros.

De acordo com a metodologia que apontamos, é perceptível que essa pesquisa poderia ter sido analisada com uma coleta de dados maior para a bibliografia, como o livro: *A Negação da Morte* (1973) de Ernest Becker, *A Filosofia da Morte* (2011) de Steven Luper e *Psicologia da Morte* (1983) de Robert Kastenbaum/Ruth Aisenberg, que contribuiriam para a análise do subcapítulo 3.1 o mundo dos mortos e o subcapítulo 4.2 o mundo dos vivos pode ser entediante? E indico também o livro *Tim Burton's Corpse Bride: Na Invitation To The Wedding* (Noiva Cadáver de Tim Burton: Um Convite Para o Casamento), publicado em 2005 de Tim Burton, é um livro escrito em inglês que conta toda a história do filme, contribuindo para a literatura. Esses livros, infelizmente não foram possíveis ter acesso, pela limitação de tempo nesse trabalho, mas deixo aqui como recomendação para contribuição de trabalhos futuros com pesquisadores de várias áreas que venham estudar assuntos relacionados a esse.

REFERÊNCIAS

- A NOIVA Cadáver. Direção: Tim Burton, Mike Johnson. Produção: Tim Burton, Allison Abbate. Estados Unidos, Reino Unido: Warner Bros. Pictures, 2005. 1 DVD. (77 min.), son., color.
- ALVES, Syntia. Mexicas e Mexicanos: A Morte como Identidade Cultural. **Revista Agenda Social**. Campos dos Goytacazes, v.9, n.2, p. 82-90, 2015. ISSN 1981-9862.
- BETTON, Gérard. **Estética do cinema**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BRANDÃO, Mons. Ascânio. **O Manuscrito do Purgatório**. São Paulo: Edições Paulinas, 1953.
- BRITO, João Batista de. **Literatura no Cinema**. São Paulo: UNIMARCO, 2006.
- CÁNEPA, Laura Loguercio. Expressionismo alemão. In: Fernando Mascarello (org.). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006. (p. 55-88).
- CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- COOPER, Jorge. **Poesia completa**. 2. Ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2011.
- CONDE, Adriana Carvalho. Rainhas da noite: “o belo horrível romântico” e a imagem da monstruosidade feminina em Emily de A Noiva Cadáver. **Itinerários**. Araraquara, n. 47, p. 133-150, jul./dez. 2018.
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

EVANGELISTA, Raquel Lobão. Características estéticas de séries norte americanas: identificação e afeição a anti-heróis. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 22., 2017, Volta Redonda - RJ. **Anais eletrônicos...** Volta Redonda - RJ: A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2017. p. 1-16. Disponível em: < <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-1093-2.pdf> >. Acesso em: 20 maio, 2021.

FERNANDES, Fernanda. A Arquitetura do Expressionismo. In: GUINSBURG, John (org.). **O Expressionismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GOMES, Paulo Emílio. A Personagem Cinematográfica. In: CÂNDIDO, Antônio et al. **A Personagem de Ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (p. 103-119).

IVO, Lêdo. **Poesia completa (1940-2004)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAMANNO-ADAMO, Vera L. C. Tédio, luto e melancolia. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v 51, n. 3, p. 79-89, jul/set. 2017.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Erlon José Paschoal. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LIMA, Maiane Paranhos de; PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. Considerações sobre o gótico e seus reflexos na sociedade: uma leitura de Drácula, de Bram Stoker. **Revista de Letras**. Curitiba, v. 20, n. 31, p. 49-70, jul./dez. 2018. ISSN 2179-5282. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3273/5928> >. Acesso em: 15 de out. 2021.

LUCENA JUNIOR, Alberto. **Arte da animação**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

LUCENA, B. JR., Alberto. **Arte da Animação – Técnica e Estética através da História.** São Paulo: SENAC, 2002.

LUSKIN, F. **O poder do perdão:** Uma receita provada para a saúde e a felicidade. São Paulo: Francis, 2007.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, Arlindo. **O Sujeito na tela – Modos de Enunciação no Cinema e no Ciberespaço.** São Paulo: Ed. Paulus, 2007.

MANZATTO, Antonio; VILLAS BOAS, Alex. O mistério que se faz literatura. **Teoliterária.** São Paulo: PUC SP/Curitiba: PUC PR, v.6, n.12, p. 5-11, (2º sem. 2016). 2016. ISSN - 2236-9937. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/30801/21362> > Acesso em: 05 nov. 2021.

MENON, Maurício Cesar. **Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932.** 2007. 259 f. Tese (Doutorado em Letras – área de concentração em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

MUNIZ, Paulo Henrique, O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. **Revista Varia Scientia.** v. 06, n. 12, p. 159-169, dezembro. 2006.

MS MR. **Bones.** New York: Columbia Records, 2013. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ms-mr/bones-traducao.html>>. Acesso em: 25 julho de 2021.

NAZÁRIO, Luiz. O Expressionismo e o Cinema. In: GUINSBURG, John (org.). **O Expressionismo.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

NEGRAES, Edith C. (Trad.) **O Livro dos mortos do Antigo Egito.** São Paulo: Hemus – Livraria Editora Ltda., 1972.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Expressionismo Como Modo de Vida e Moda. In: GUINSBURG, John (org.). **O Expressionismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PERRONE- MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe**: medo clássico: coletânea inédita de contos do autor. Tradução de Marcia Heloisa Amarante Gonçalves. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017. v. 1, p. 341-353.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CÂNDIDO, Antônio et al. **A Personagem de Ficção**. 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (p. 09-50).

SABADIN, Celso Fabio. **A história do cinema para quem tem pressa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SARMENTO, Rosemari. A narrativa na literatura e no cinema. **Revista Verbo de Minas**. Juiz de Fora, v. 8, n. 15, p. 165 – 183, jan./jun. 2009.

SCHIMTT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1999.

SCORSI, Rosália de Angelo. Cinema na literatura. **Pro-Posições**. Campinas, v. 16, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2005.

SELIGMAN, E.P.M. **Felicidade autêntica**: Usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SILVA, Filipi César Rodrigues Cardoso da. **Cinema de animação: um estudo narratológico dos filmes de Tim Burton.** 2018. 110 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2018.

SILVA, Alexander Meireles. “Barba Azul”: conto de fadas ou conto gótico?. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades.** Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, não paginado, abr./jun. 2004. ISSN 1678-3182. Disponível em: <
<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/443/434>>. Acesso em: 20 set. de 2021.

SNYDER, C.R.; LOPEZ, S.S. **Psicologia positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOUZA, Cassius André Prietto. **Monstruoso-Sensível: uma análise das personagens Emily de Tim Burton e Corpo-Seco de Victor Hugo Borges.** 2012. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Patrimônio Cultural Conservação de Artefatos Ensino e percursos poéticos) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012.

SVENDSEN, Lars. **Filosofia do tédio.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VIVA - A Vida É Uma Festa. Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina. Produção: Darla K. Anderson, John Lasseter. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, Pixar Animation Studios, Walt Disney Studios Motion Pictures, 2017. 1 DVD. (105 min.), son., color.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores.** Tradução de Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto.** São Paulo: UNESP, 2010.